

ERGOS

OS CAMINHOS

DO

ESPÍRITO

CURITIBA/SÃO PAULO
1974/2011

**ESTA OBRA É PUBLICADA COM A APROVAÇÃO DA
FRATERNIDADE BRANCA UNIVERSAL DO ARCANJO
MICKAEL**

ÍNDICE REMISSIVO

| | |
|-----------------------------------|----|
| 1 - O ESPÍRITO | 4 |
| 2 - O HOMEM | 15 |
| 3 - LUZ ETERNA | 25 |
| 4 - A PERSONALIDADE | 31 |
| 5 - OS SENTIDOS | 42 |
| 6 - A MEDIUNIDADE | 50 |
| 7 - O AMOR..... | 59 |
| 8 - AS ESTRADAS E OS GU IAS | 68 |
| 9 - CONSCIÊNCIA COLETIVA | 75 |
| 10 - A VIDA E A MORTE | 82 |
| 11 - A PARÁBOLA DA ASCENSÃO | 92 |

O ESPÍRITO

É espontânea no homem a concepção de Deus: a idéia divina aflora de modo inato, na sua vida, tanto no plano do consciente como no do inconsciente. Enquanto os que possuem uma fé adoram Deus na Trindade da Sua Unidade, os céticos ou os ateus O sentem através das variadas manifestações do infinito, o cientista e o estudioso O encontram representado no micro e no macrocosmo, o espiritualista O concebe como uma força Divina, e o materialista como um impulso natural.

À Humanidade inteira, portanto, a idéia de Deus está presente sob os diversos aspectos de Potência, de Infinito, de Natureza, de Cosmos, de Ímpeto vital, de Tudo, isto é, como concepção de uma força sem limites.

Como, porém, ter fé na vida do espírito? É possibilidade fácil para os que têm religião ou são espiritualistas, mas os que não crêem e não vêem senão a matéria e as manifestações dela como podem ter a certeza de que uma centelha arda dentro da carne, fazendo-a viver, pensar e agir? Como podem passar do seu materialismo à idealização de uma essência imaterial, alma, princípio, fulcro de tudo quanto se manifesta como vida física?

O espírito é aquele todo que, descendo no corpo, lhe imprime o sopro vivificador; por isso, tu te animas Meu filho, no instante do nascimento e, por isso, te divides no instante da morte.

Que é o feto no ventre materno poucas horas antes de vir à luz do Sol? Nada senão um apêndice, uma matéria inanimada com o aspecto de homem, uma espécie de pequeno parasita que se nutre das forças maternas porque é incapaz de dar impulso por si mesmo à própria vida. Falta-lhe a grande causa, a essência prima e principal de cada ser animado, aquela que, na sua imaterialidade, espelha a Grande Força: a alma ou centelha energética. Somente no instante em que ela descer no pequeno corpo, aquela estrutura humana se tornará o invólucro do espírito, exprimindo o afirmar-se de um livre arbítrio e com ele a direção de nova existência.

Certamente já terás verificado que as criaturas. Recém nascidas dormem com freqüência e longamente. Aquele sono é necessário: tem a missão de amalgamar o espírito com a matéria.

Espírito é vida, não somente para o homem, mas para qualquer outro animal. Talvez se queira negar ao animal a existência da alma, afirmando-se que tudo quanto ele sente, compreende e exprime no seu mutismo deve-se, simplesmente, a um estímulo natural. Fala-se de instinto e não se pensa que, acima dele, age o grande motor que cria a centelha energética, dando impulso à determinadas tendências e atos independentes do próprio corpo.

A alma constitui, mesmo para os animais, a razão da vida. Apesar de não terem o dom da palavra, também eles demonstram sua inteligência sob muitos aspectos. Isto deve induzir a pensar que uma força os sustem guiando os seus instintos vitais, força que, agindo do seu íntimo, não é senão a expressão da centelha energética.

O Espírito, portanto, é o sopro vivificador de cada ser animado, é o primeiro elemento do Criado. É a chama de Deus que se exprime em miríades de centelhas, é o impulso incessante que, agindo no teu mundo interior, assume forma de tendência inata à luta e ao trabalho, pela manifestação daquela Lei a que todos os seres vivos são totalmente sujeitos.

É esse princípio espiritual que torna o homem partícipe da unidade vital da Natureza na qual resplendem os sete raios da roda universal. É em virtude de sua ação que as moléculas individuais tendem a associar-se em um todo orgânico e complexo, onde cada órgão tem função específica e complementar e cada faculdade sua razão de existir. Logo que, com a morte, o espírito se liberta, ele cessa de exercitar a sua ação equilibradora, unificadora, sobre órgãos do corpo, que, a partir daquele instante, fica privado da sua unidade e, por isso, extinto na sua forma orgânica, enquanto a vida continua nos elementos individuais que o compõem fisicamente; então, o cadáver se dissocia, de vez que, cessado o motivo essencial de agregação, as moléculas lutam por separar-se.

Com referência ao que irei explicar relativamente às três forças, cabe assinalar que, com o último suspiro, vem a faltar ao homem a ação da força a qual deve se atribuir valor positivo, enquanto a matéria, por si mesma de valor negativo, encontrando-se novamente nas condições de uma caótica instabilidade, não pode deixar de desagregar-se.

A um atento e sutil exame, a centelha energética não pode evidenciar senão uma profunda realidade da vida dos seres: testemunham-no mil fenômenos e os inumeráveis aspectos sob os quais, mais ou menos manifestamente, ela se exprime e evolui.

Atenua-se, assim, o valor do transitório fenômeno da cósmica dinâmica, tomando predomínio o espírito imortal: refletem-se nele a potência e o clarão da chama Divina de que partiu, encaminhada através da tortura dos sofrimentos para esta Força imensa e sobrenatural, do mesmo modo que a criança anseia, no medo pela sua mãe, e a alma humana deseja, no ardor que a oprime, o seu complemento.

Homens, volvei para o Alto o olhar; fazei ali vaguear o vosso espírito, tentando sintonizar as vibrações dele com as de Deus que vos criou; fazei-o com a mesma força com que o Seráfico de Assis exaltava o sentido de purificação dos sofrimentos e da morte.

Muitos se indagam qual seja a missão do espírito, qual a sua intenção, a obra que deve realizar e o porquê.

A maioria da Humanidade já compreendeu a necessidade de elevação no gradual progredir das civilizações: o espírito descido pela Vontade Suprema da Potência Divina realizou a sua ascensão através da evolução lenta, mas contínua, dentro da matéria e fora dela.

Neste ponto, pode ocorrer espontaneamente a pergunta: "quando abandona o corpo, para onde vai a força vital?"

Conforme o grau de evolução alcançado, ela vai para determinados espaços ou planetas do Universo, onde Deus lhe designou a nova missão que deve cumprir, para continuar o processo de evolução. Aí o espírito revive a recordação da sua vida passada e, em uma pausa de contemplação que separa o puro do impuro, o bem do mal, opera gradual seleção, para arrepender-se e purificar-se dos instintos, dos vícios, das culpas cometidas e temperar-se nos sentimentos e nas virtudes.

Esta biótese espiritual é essencial à alma, da mesma maneira que a um estudante qualquer não basta a explicação do professor durante a lição, mas é necessário o recolhimento no estudo dos livros.

Após a fase contemplativa de expiação, o espírito assume, de quando em quando, novas formas, encarnando diversos corpos que constituem outros tantos períodos instrutivos espirituais. Então, ele exerce as funções, novamente, do éter sutil, da luz dinâmica, do **prana** e é, ainda uma vez, a força vital, semelhante à centelha imaterial que anima o fogo.

Reencarnando-se, o espírito não está em condições de recordar as suas vidas antecedentes, porque, penetrando no cárcere do corpo, cai em um estado de amnésia total, como se começasse somente então a existência e não houvesse já passado através das múltiplas vidas que, incidindo sobre ele méritos e culpas, dão sentido e direção ao seu novo caminho¹.

Segundo o grau da pureza da centelha energética, variará a importância das missões a realizar através das hierarquias terrenas.

Essas missões, em parte, são designadas pela Vontade Suprema; em parte, resultam de aspirações tidas e não realizadas em vidas transcorridas; e, em parte, pelo livre arbítrio. Cabe, porém, distinguir o valor espiritual de tais missões do rigidamente terreno: não se poderá considerar nunca em um mesmo nível o que é destino da alma e o que constitui o orgulho da matéria.

Muitos acreditam ser espíritos superiores ou elevados por sabedoria e poder, e haver atingido o ápice da perfeição para, orgulhosamente, se arrogar o direito de dominar, de julgar, considerando-se defensores eleitos da justiça e das verdades.

Outros, materialistas, crêem, ao contrário, poder submeter com o domínio do ouro e das riquezas, a Humanidade pobre e sofredora. Por isso se iludem, julgando que a sua posição atual de privilégio os pode tornar superiores também espiritualmente à maioria, que olham como uma plebe. Quantas misérias morais, ao contrário, em redor deles, no seu orgulho e na sua soberba! Cada um pensa em impor a própria vontade egoística através de vexames e afrontas, mais ou menos evidentes, com ódios e rancores e, envenenando a existência, destrói na alma as tendências nobres.

¹ Há exceções. Ver o livro de **ERGOS** — As Duas Trindades. Cap. I.

Se ao invés da busca dos prazeres da carne e da luta das paixões e de procurar dominar um ao outro nos poderes terrenos, pensassem os homens que esse andar contínuo, incessante, não é uma corrida para a vida, mas para a morte, far-se-ia luz nas suas consciências e mudaria a direção de seus caminhos.

Viver significa mudar continuamente, morrer cada dia um pouco em relação ao que se era no dia precedente; mas, a consciência disto não se adquire senão com o declinar da idade.

Que valor pode atribuir-se ao orgulho, à autoridade, às satisfações humanas, se tem conta de que o corpo volta à Terra dilacerada inexoravelmente pelos eventos ou pelo tempo que marca e realiza os seus objetivos de partida e de chegada?

Que será de tua carne quando for corroída pelos processos químicos da decomposição orgânica e a morte tiver transformado a beleza do teu corpo em lama e em pó, que um desconhecido qualquer pisará?

Onde acabará a luz dos teus olhos, a voz canora que extasiou e fez palpitar, onde estará o belo aspecto, o sorriso sedutor, que amanhã será reproduzido pela máscara sarcástica de uma caveira, imóvel como as pedras que não tem vida real?

Essa é a justiça equilibradora que impõe a sua lei.

O homem que ontem era o orgulhoso, o soberbo, o luxurioso, que gozou desenfreadamente, encontrar-se-á no estado de pó como quem lutou, quem sofreu, quem nas adversidades terrenas teve o mérito de resistir internamente com ímpeto indomável de superamento.

E o elemento que deu força a esse corpo durante a sua vida, que acendeu nele o pensamento, a vontade, as diversas sensações em todas as manifestações, onde ficou? Que é agora? É uma pequena chama que representa a multiplicidade de um todo no infinito.

Se a morte torna iguais os homens, com o mesmo processo de decomposição, dando a todos a mesma figura esquelética, o espírito que deixou o corpo pelo término de seu ciclo terreno, levando consigo a herança das suas obras e das suas virtudes, ou o fardo das suas culpas e de seus vícios, levará, também, o valor de diferenciação extracorpóreo.

Quem passou através de uma gama de prazeres e de sorrisos terá amanhã, em novo renascer, penas e dores múltiplas; quem, ao contrário, experimentou com resignação as dolorosas renúncias, os sacrifícios e as penas, mantendo íntima resistência, com o fim do corpo terá dado um ulterior impulso à evolução do espírito, que, através de sucessivas reencarnações, se completará.

Isso pode, em certo sentido, dar uma justificação à discórdia aparentemente inconciliável entre a Justiça de Deus e a diversidade de condição dos nascimentos.

E um dos primeiros problemas apresentados à razão humana é que constitui também, no seu aspecto puramente problemático e não resolutivo, um dos fundamentos da doutrina materialista: "Se Deus existe - ela diz - não pode ser senão sumamente justo, de outro modo não seria logicamente concebível, de vez que a Sua parcialidade não poderia encontrar razão em seres que Ele mesmo quis e criou." E acrescenta: "Como pode conceber-se a Justiça de Deus no fenômeno do nascimento?"

A criança que vem à luz não pode, para os materialistas e para os que não admitem a reencarnação embora possuindo fé, ter nem méritos nem deméritos: é um ser inocente, uma criatura pura, unicamente na matéria para os primeiros; na matéria e no espírito, para os segundos. Uns e outros ignoram, ou querem deliberadamente ignorar, que o desnível social ou físico, no nascimento, deriva de alguma coisa que está além de simples coincidência ou da cega vontade de um destino louco: de um princípio de causalidade que eles nem supõem ou chegam a imaginar.

No plano fenomênico da natureza, todos nascem, evidentemente, segundo uma modalidade única, da mesma forma que os próprios animais. No que diz respeito ao homem, a interrogação dos bem-pensantes materialistas, dos críticos positivistas, dos precursores do bom senso racionalista, se volta à disparidade das condições de nascimento: por que alguns recém nascidos vêm à luz entre o luxo, as rendas perfumadas, o leito de plumas e a tepidez de salas principescas, enquanto outros, no próprio instante em que emitem o primeiro vagido, são já condenados a sofrer o frio, a dor, a miséria, a fome?

Examinados atentamente revelam-se iguais em cada aspecto: nos olhos que se abrem, lê a sua inocência; nos vagidos que partem dos berços, ouves o grito da pureza infantil. Diferem somente pelo caminho que se delineia diante deles: um, nivelado e recoberto das doçuras e dos gozos que pode oferecer a vida terrena; outro, tremendamente áspero, razão contínua de lutas e contrastes.

Em frente a tal divergência, a doutrina religiosa silencia, ou, atribuindo, com admirável serenidade, tudo à Vontade de Deus, involuntariamente falseia a Justiça Suprema, dando margem aos descrentes e aos ateus para acusá-lo; o materialista, ao contrário, levado a abjurar cada causa devido à sua ignorância, conclui: "evidentemente, Deus não existe". Como se uma solução dialética e negativa pudesse resolver o problema da verdade ultra-humana!

Não te deixes Meu filho, enganar pela lógica conformista, mas raciocina em profundidade. Não te deixes iludir com as falazes aparências: existe um destino humano passado e futuro que sobrepairá a tua vida e que pede poderosamente para ser exaurido, para ser redimido, para ser desejado por ti, em um superamento absoluto do mundo da matéria e da forma, para o qual o próprio corpo, em obediência a Lei Divina, constitui um obstáculo à luz da alma, uma prova fundamental para o espírito.

É evidente que a antítese das duas visões opostas — a materialista, que nega Deus porque a sua concepção não é conciliável com a **injusta** disparidade das condições humanas, e a teísta, que fatalisticamente tudo vincula à misteriosa razão de dogmas e atribui a Deus a irrevelável vontade de tal disparidade — somente pode ser resolvida pela doutrina das reencarnações.

A objeção que comumente levantam ante as duas limitadas concepções, materialista e teísta, é a referente à absoluta falta de provas evidentes das reencarnações e a impossibilidade para o homem de guardar consciência de eventuais vidas transcorridas.

A este propósito ocorre logo dizer que o **eu** do homem comum não pode ter a recordação de outras experiências passadas porque ele retira o próprio conhecimento da encarnação corpórea que está vivendo.

Encontrando-se no estado de mera **fisicidade**, de aprofundamento na matéria — a qual é condição da sua vida e de cada atividade psíquica bastando qualquer traumatismo cerebral

para fazê-lo perder consciência de si — o homem é cegamente identificado em uma forma particular e finita, que se subordina a uma lei de geração e corrupção. Isso não ocorre, porém, para aquele que, na vida, conseguiu dominar a condição corpórea.

Enquanto ao homem comum falta um princípio que mantenha a sua consciência acima dos vínculos físicos através das várias encarnações, que apresentam, por isso, caráter descontínuo, sempre novo e sem recordação, no espiritualista autêntico, ao contrário, este princípio é vivo, porquanto ele estabeleceu uma relação de domínio ativo com tudo o que ele é fisicamente: superou conscientemente o limite da própria personalidade terrestre e empírica e a incontestável relação com a específica incorporação presente. Isto o coloca em condição de conhecer, acima das existências individuais, a unidade histórica do próprio **eu** e uma parte do ciclo das encarnações vividas.

Quem atinge, porém, semelhante estado de visão e de potência já está fora das águas, desvinculado de todas as determinações reais e possíveis para, ele, tornou-se realidade o que para a grande massa dos homens é possibilidade latente.

Somente a doutrina da reencarnação pode criar uma ponte entre materialistas e teístas, para fazê-los encontrar um ponto em que, de um lado, é plenamente justificada aquela disparidade das condições individuais do homem, devidas as diversas somas de bem e de mal das vidas transcorridas, e, do outro, é devidamente esclarecida a função do livre arbítrio, graças ao qual o homem, através das múltiplas encarnações, é autor da evolução ou da involução daquela vida que é um originário dom divino.

Em um e em outro caso, deve ser reconhecida a necessidade de uma construção espiritual da personalidade que, enquanto pode dar novo sentido de afirmação e de liberação ao ciclo das encarnações, pode fazer-lhe compreender a força histórica através da visão de um passado de lutas e de vitórias, de derrotas e de superamentos.

Para tal objetivo, é necessário obter a consciência do próprio ser psíquico, que não pode nem deve ser uma configuração interior dependente do mundo físico e da instintividade orgânica, mas, antes de tudo, um poder capaz de dominar e dirigir o mundo físico e a instintividade: assim, unicamente a consciência liberta, pode

pairar em diversos mundos e subsistir, em claríssima lucidez, mesmo se lhe venha faltar o apoio corpóreo e mesmo acima da própria existência deste.

Só se tomares como suma realidade o espírito, poderás convencer-te da sua existência. Tenta materializá-lo no teu pensamento e, penetrando a sua sutil e secreta realidade, compenetrando-te da sua missão super-humana, conseguirás a consciência da reencarnação.

Então, como por milagre, o enigma se apresentará resolvido: a equanimidade de Deus tornará a brilhar como anteriormente, antes mais deslumbrante do que nunca, porque descobrirás que ela se manifesta em um fenômeno que ignoravas, encontrarás aí uma nova força que te fará reconhecer e louvar a Justiça Superior.

Se, de fato, o espírito completa a sua evolução através de sucessivas encarnações, que ocorrem na Terra ou em mundos por ti totalmente ignorados, nelas a alma adquirirá maiores ou menores méritos: com base nessas encarnações, a nova tomada de um corpo se realizará em um estado social mais ou menos elevado, ou em uma forma física mais ou menos perfeita e correspondendo a certas aquisições específicas, conforme a herança do próprio **Karma**, espírito e vontade.

O seu desenvolvimento pode ser limitado, infinitesimal como o átomo, ou maior e menor segundo a sua potência evolutiva. Para manifestar essa grandeza, o homem só tem um meio: as vibrações do seu pensamento, que podem alcançar grandes horizontes através da ação. Explicar-me-ei com a simplificação analógica. Quando vês uma construção ou uma criação do engenho humano – um bonde, um automóvel, um trem, uma máquina qualquer o teu pensamento corre instantaneamente para anos e talvez para séculos passados, para o dia em que aquela determinada realização entrou pela primeira vez a fazer parte do progresso humano.

Se ouves o rádio, enquanto os teus ouvidos escutam-lhe os sons, diante da tua imaginação delineia-se a figura de Guilherme Marconi, que soube fazer da eletricidade a obediente mensageira, a salvadora dos pilotos perdidos ou dos navegantes em perigo.

Pois bem, mediante as vibrações do seu pensamento, que se refletem nas respectivas invenções, aqueles Grandes souberam ligar, nos séculos, a superioridade de seu espírito ao das crescentes gerações.

Se volveres o olhar à majestade do Criado à natureza, aos seres, às coisas e às forças cósmicas, mediante a comunhão profunda do pensamento, reconhecerás, em toda parte, a magnífica obra que te leva a Deus!

Voltando, porém, ao homem, a amplitude e potência das vibrações estão em relação com o grau de elevação do próprio espírito assim como o comprimento das ondas sonoras e luminosas está em proporção com a força central propulsiva que as cria e as irradia.

Assim o espírito dotado da sua potência e regulado pela grande Lei, que, na sua impenetrabilidade, pode fazer reter a vida humana movida unicamente pelo irracional impulso de um destino. É verdade que existe um destino; mas ele é tecido por uma série de causas em cuja origem está o próprio homem no estado incondicionado, ainda não ligado pela afeição, pelo desejo e pela ação. É o **karma**, portanto, que inexoravelmente impele o homem rumo à evolução universal e que deve considerar-se uma realidade imutável; mas a ele e com ele há também um livre arbítrio.

Se com corajosa lealdade examinares a essência do teu viver e refletires em que, pela eterna lei da compensação, para cada ação tua se produzirá em um amanhã mais ou menos próximo uma reação de igual intensidade, mas de valor oposto, não te será difícil dar conta da rigorosa lei determinística imposta pelo **karma**, ou seja, daquilo que tu mesmo criaste, como teu destino, como impulso dado por ti mesmo.

O homem possui meios para guiar-se e elevar-se: pode atingir a força inspiradora necessária pelas doutrinas que as tradições de cada povo transmitem e que estão no centro do movimento da civilização humana, medindo as etapas da sua elevação; a tua alma indecisa pode retirar da vida do Redentor os remédios aptos para te salvar, os segredos da vitória sobre o mundo sensível, que são imortais é o espírito que te anima.

Faz com que as grandes realidades não se limitem a puras expressões de uma dialética mais ou menos bela, de princípios mais ou menos aplicáveis, cuja essência não vá além da abstrata mecânica dos conceitos, permanecendo, por isso, retórica estéril; mas experimenta-os sobre ti mesmo, procura que eles sejam o remédio regenerador e purificador do teu espírito escravizado pelas paixões e contaminado pela torpeza das culpas.

Então começarás a compreender o sentido da verdadeira vida: não daquela que te concede a fácil, sensual, exterior alegria que se converterá em sofrimentos amanhã; que te dá a ilusão do poder neste instante, para tornar-te um nada dentro de poucos minutos; não àquela que, sujeita à matéria, te tolhe a possibilidade de poder dominá-la; mas da vida do espírito, a qual depende somente da afirmação da tua vontade.

Obedece, portanto, àquelas vozes que te chamam para o verdadeiro caminho: a humildade te anima, o amor te guia, o ódio se extingue, o orgulho se anula; então, graças ao impor-se das verdadeiras virtudes sobre ridículas baixezas humanas, o espírito pode bem preparar-se, através dos sofrimentos do corpo, para tomar o seu impulso para a ascensão.

Infelizmente, o homem, mais do que para evoluir, tende, inconscientemente, para suportar o que lhe foi dado pela natureza e pela condição corpórea: ele pensa, sobretudo, na matéria e pouco, ou demasiado pouco, no espírito, tornando a sua evolução mais longa e fatigante.

A ti, que lês, quero dar um conselho: pensa na salvação da alma com a vitória sobre o teu corpo: faz com que o espírito se torne autêntico soberano do seu justo domínio.

Se vires um animal abjeto, que dá uma sensação de asco, sair de um imundo cano de esgoto, não fujas dele, mas observa-o e pensa: "também eu, um dia, se minhas culpas o impuserem, poderei ser semelhante a ele".

Então, se a lei de Deus, com a Sua Bondade, não foi ainda capaz de dobrar-te, se a Sua Luz não te atraiu, se a Sua Doçura não te prendeu, reage e emenda-te, considerando aquele ínfimo ser que te causou náuseas e te deu a idéia do estado ao qual te reduzirás depois de uma possível queda: não queiras, pois, a qualquer custo, afastar-te do Bem pare lançar-te voluntariamente nos braços de Satã.

O HOMEM

Eis agora a matéria na qual o espírito desce para alimentá-la com o sopro Divino da vida, embora nela vivendo como em uma prisão.

Tem-se, assim, aquele agregado psicofísico a que se deu o nome de **homem**, somente porque tem o privilégio da razão, único elemento que o diferencia do resto da família animal.

Cada pesquisa conduzida pela ciência confirma que a totalidade dos seres humanos é composta da mesma substância heterogênea. Todos os indivíduos, executadas as diferenças exteriores dos órgãos do sexo, apresentam estreita afinidade, que os vincula indistintamente a uma mesma natureza e a um mesmo princípio de criação, sejam eles homens ou mulheres, adultos ou crianças.

Um tecido membranoso, chamado pele, recobre exteriormente as partes do corpo humano, quer pertença a um gênio ou a um ignorante, a um monarca ou a um mendigo: é sempre a mesma composição de epiderme e de derme, as quais se dividem, respectivamente, em cada sua reprodução, nas diversas categorias bem definidas: córnea, lúcida, granulosa, mucosa, germinativa, para a primeira; coriom capilar e camada reticular, para a segunda. Poderão variar de raça para raça as cores, devido à diversidade das células pigmentares, mas não a íntima estrutura desta complicada capa humana que envolve toda a pessoa, revestindo as mais recôndidas cavidades, onde toma o nome de mucosa.

A sua função fisiológica será sempre a de proteger e servir de órgão emunctório para o suor, segregado pelas glândulas sudoríficas, e também, através do tato, propiciar o estímulo externo, mediante as excitações de células sensíveis e os impulsos de terminações nervosas.

A Humanidade, considerada sob qualquer meridiano e paralelo, apresenta, de modo igual, sentidos para compreender e ser compreendida: olhos que poderão ser mais ou menos expressivos e penetrantes, que terão uma pupila diversamente grande, de pigmento azul ou castanho, mas isso não impedirá que vejam sempre; orelhas mais ou menos perfeitas, de indivíduo para

indivíduo, na sua composição precisa; um olfato particular mais ou menos fino, um gosto pessoal mais ou menos conforme a normalidade, na respectiva identidade das mucosas pituitárias ou dos cálices gustativos, enquanto as células apresentarão em toda parte o seu protoplasma e o seu núcleo.

A respiração se realiza com base no mesmo processo mecânico e químico, sendo inspirado e expirado o ar, em qualquer ser humano, sempre pelos órgãos respiratórios, que poderão variar somente na sua grandeza e capacidade.

O coração faz ouvir, em todos os peitos, o batido, devido a sua função do centro do sistema circulatório, como se medisse o tempo fugaz no movimento involuntário, índice de vida marcando, com rítmico palpitar, os instantes que passam. Seccionando-se este órgão, que pode definir-se como o relógio da existência, verifica-se que em cada caso é composto das mesmas aurículas, dos mesmos ventrículos, direito e esquerdo, dispostos sempre de idêntica maneira.

O sistema nervoso, tendo o centro no cerebelo de massa cinzenta cerebral, difunde-se de lá, seguindo um esquema comum, por todo o indivíduo, originando vasta e complicadíssima rede, compreendendo quer os nervos do sentido, quer os do movimento.

Passando ao sangue, este é universalmente composto das mesmas substâncias, com maior ou menor quantidade de glóbulos vermelhos e mínimas variações de reações químicas a respeito das raças, enquanto as veias e as artérias, que o levam respectivamente ao coração e o distribuem por todas as partes do corpo humano, são sempre do mesmo número, com as mesmas funções colocadas nos mesmos pontos bem determinados.

Coração, pulmões, fígado, baço, intestino e demais órgãos estão dispostos no corpo com idêntica analogia anatômica; os membros compostos, em cada caso, com o seu número de nervos e de músculos, mais ou menos desenvolvidos, mas com igual disposição plástica e harmônica.

Se passares ao esqueleto, encontrá-lo-ás sempre igual na sua nudez e na sua tragicidade, com as órbitas convertidas em duas cavidades profundas; com o peito que privado de carne, mostra as suas costelas e o esterno; com as mãos nas quais distinguirás distintamente o carpo, o meta-carpo, as falanges, as falanginhas, as

falanges: todos os atributos físicos próprios a uma como a mil vidas presentes e passadas.

Neste conjunto de todos os ossos que representam as partes individuais do esqueleto humano, podes discernir uma identidade de natureza, que não te é dado observar em outro lugar.

Se é exato que no corpo humano existe uma igualdade de órgãos, que se revela aos teus exames anatómicos, macroscópicos ou microscópicos, e que com base nas suas ações sincrônicas manifesta a cada momento a vida no respirar universal, aí estão, contudo, as características de raça que crias diferenciações sensíveis de indivíduo para indivíduo.

Isto não se verifica, pelo contrário, no sistema ósseo, pelas vértebras, clavículas, úmeros, ossos ilíacos, cúbitos fêmures, tíbias, perônios.

O esqueleto não conhece caracteres somáticos: as partes de cada um são sempre constituídas das mesmas substâncias e impregnadas pelos mesmos sais minerais; a diversidade que eles apresentam pode ficar limitada somente ao comprimento e a grossura, que oscilam entre certos limites.

O esqueleto, na sua identidade comum a todas as raças, acusa sempre a vaidade de certo orgulho humano e a nulidade daquela carne que é motivo essencial da vida e que está destinada a ser desagregada fatalmente pelas leis da dissociação.

Há, portanto, perfeita analogia em todos os homens, a qual simboliza, na sua totalidade, a igualdade da matéria criada, não só pelo que possa dizer respeito à sua íntima composição, mas também à anatomia e às funções fisiológicas dos órgãos.

Tendo embora tantos pontos de contato, nenhum ser nunca será igual a outro nas manifestações da sua vida interior, que tem reflexo na exterior.

Qual a causa de semelhante variação?

Não se trata de diversidade orgânica, que vimos não existir de homem para homem, ou de irrelevante diferença somática, mas de qualquer coisa que transcende à própria matéria, embora se manifestando por seu intermédio; de uma realidade que define o indivíduo fazendo-o assumir um caráter nitidamente pessoal.

Tratando-se do homem, é preciso considerar dois aspectos bem distintos que ele apresenta sempre na manifestação das próprias ações e da própria vida: de um lado, o indivíduo na sua constituição física e em relação atividade dos órgãos materiais; do outro, o indivíduo na manifestação das suas faculdades e tendências devidas à ação de um princípio superior.

No primeiro caso, não se nota diferença de homem para homem; no segundo, ao contrário, se encontra sempre a marca de uma individualidade psíquica que gera a personalidade. Transferindo para próximo capítulo tudo o que possa dizer respeito a esta última, examinemos uma atitude que se mostra preponderante entre todas as outras, como força interna de expressão que torna o homem criativo, distinguindo-o às vezes e fazendo-o elevar-se sobre o resto da Humanidade.

Aludo ao pensamento, àquela faculdade humana que exprime um mundo todo seu na múltipla diversidade de perspectivas e de idéias.

É força tão desconhecida quanto poderosa: graças à sua vitalidade construtiva, o homem criou para si a civilização, soube ou tentou defender-se dos primeiros obstáculos e perigos que a natureza lhe antepunha, concebeu com as idéias primitivas as armas rústicas, revestiu-se com as peles de animais mortos, procurando continuamente novas e melhores vestes, o fogo aquecedor e as diversas formas primordiais de convivência.

Indústria, comércio, produção, política, ciência, e todos os outros variados ramos da atividade humana são frutos do pensamento tenaz e indagador, da atividade intelectual de uma falange imensa de homens que, mediante atenção, concentração e meditação, instruíram e criaram.

Considerando o que seria do homem se esta faculdade lhe viesse a faltar, é lícito afirmar que todo o valor do respirar humano se resume na palavra **pensamento**. Ele é o impulso, a razão, o guia de cada ação tua; por força dele procuras os princípios que devem regular a tua vida; graças a sua justa direção podes discernir o Mal do Bem, adquirir méritos, evitar culpas.

Mas, que é esse **pensamento**? Que é que o gera? Que força nele se manifesta, tornando-o capaz de vontade e de ação?

A ciência ensina apenas que dois princípios que se ligam respectivamente ao materialismo e ao espiritualismo se tem alternado, combatendo-se sucessivamente no tempo, com o predomínio ora de um, ora de outro; no estado atual, o homem ignora ainda qual dos dois deva assumir o domínio e ser considerado o justo.

No capítulo precedente, revelei como o espírito é manifestação de potência da centelha energética, e como em virtude da descida desta última na matéria, na moldura humana, por si mesmo impotente, ele se manifesta, demonstra e atua a sua força, dando lugar ao homem.

Embora a explicação da faculdade pensamento se deva enquadrar mais particularmente no tema de próximo capítulo, adiando em especial para ele a influência que o pensamento pode ter sobre a personalidade, é necessário, porém, falando do homem, indicar as teorias que se referem aos órgãos pensativos, os quais tanto valor tiveram em tempos passados e ainda hoje apresentam para alguns.

Sustentam os materialistas que a razão, a consciência e tudo o que é manifestação de ação do pensamento de um corpo e de um cérebro não são mais do que fato natural produzido pelas células corticais e pela glândula pineal, sem, contudo, com isso, explicar a causa inicial de tal faculdade.

Os antigos acreditavam, ao contrário, que a hipófise fosse a sede da alma, mas esta concepção veio a adquirir definitivo valor somente quando o filósofo Cartésio a retomou e confirmou, seguido pela multidão dos que, analogamente, acreditam haver encontrado na pequena glândula aderente à pia-máter, a própria razão da vida. Se bem que esta fosse julgada pela ciência de outras maneiras, como avanço ancestral de um **olho pineal**, válvula reguladora de circulação interventricular ou glândula de secreção interna, a concepção cartesiana continua ainda a subsistir.

É verdade que, como cada átomo que compõe o teu corpo tem função precisa, assim também as células corticais e a glândula pineal exercem a sua função seletiva no ciclo da vida. Elas não são, porém, a razão desta, porque, embora continuando a subsistir no corpo depois da morte, permanecem privadas de qualquer poder de ação.

E então: Contemplando o corpo do homem imerso no abandono profundo da morte, não te ocorre pensar que tenha escapado da matéria qualquer coisa que não estava localizada em um órgão ou em uma determinada glândula, mas que, contudo, mantinha a unidade orgânica do indivíduo e a sua vida e o seu pensamento?

Qualquer coisa de superior e de imaterial, que tomava posse de todo o corpo humano e não residia na hipófise, nem em outra glândula, mas em todo o organismo?

Não se tendo em conta o que até aqui foi dito acerca da vida do espírito e querendo-se atribuir o pensamento a princípio que tem as suas raízes na corporeidade física, seria necessário admitir que os órgãos que deveriam criá-lo não poderiam apresentar senão mínimas e insignificantes diferenças de um ser para outro, dada a identidade fisiológica dos indivíduos, o que levaria a admitir no homem certa identidade de pensamento.

Esta é, contudo, conclusão inadmissível, desmentida pela própria experiência quotidiana, a qual demonstra como em cem indivíduos não há dois que pensem de modo igual. Neles as vibrações do pensamento se diferenciam notavelmente uma das outras em valor e em intensidade.

Basta isto para demonstrar que tal fenômeno não depende do corpo, quer se considere o mesmo em relação de atividade com a hipófise, quer com as células corticais.

Isto no que possa dizer respeito ao pensamento no dualismo contrastante de idéias e tendências; mas ele não é a única forma de manifestação do espírito.

No homem, uma multiplicidade de fenômenos que impõem e reclamam ao corpo a sua existência, demonstrando que a matéria não é senão meio de purificação.

Há uma realidade facilmente constatável que demonstra como os homens, colocados em confronto entre, si, não representam nunca uma mesma vontade, nunca os mesmos sentimentos, nunca idênticas ambições, paixões, tendências.

Ainda uma vez delinea-se o contraste matéria-espírito, a dualidade, por assim dizer, conciliada no homem pela união dos seus bem distintos **eu: o eu** material que, como foi esclarecido de

princípio, sintetiza a matéria na similaridade coletiva dos órgãos e dos sentidos; e o **eu** espiritual que, não dependendo dela, mas dominando-a leva necessariamente a concepções imateriais e superiores.

Esta realidade psíquica é o fulcro essencial da vida. O homem interessado diretamente e atraído pela sua misteriosa superior fenomenologia, concentrou sobre si e sobre ele olhares e pensamentos, dando margem às mais variadas concepções e interpretações. Sendo imaterial a força geradora, com fundamento nela se encontram de indivíduo para indivíduo aspectos sempre múltiplos e novos.

Alma, grandiosa realidade que o homem deveria reter como imortal axioma!

Nela cabem a vontade, os sentimentos, as ambições, as paixões e as tendências acima enumeradas: estes são os diversos aspectos de uma mesma força espiritual, mais ou menos elevada, que se manifestam através da matéria, representando o triunfo dos valores pertinentes à psicologia sobre os pertinentes à fisiologia.

De fato, numa visão puramente material da vida, como se poderia conceber e admitir tanta e tal diversidade?

Qualquer um poderia objetar que, sendo o corpo humano uma maravilhosa máquina de precisão, ele age, em virtude do seu complicadíssimo organismo, como qualquer engenho mecânico ou como um relógio.

Isto é verdadeiro, mas tanto um como outro tem necessidade de uma força motriz ou propulsora, que lhes imprima a ação reguladora do movimento. Para uma máquina, "será necessária energia manual ou elétrica; para um relógio, a mola. Mas esta energia ou esta mola deverão ser acionadas por uma vontade: o homem, no presente caso, representa a vontade ou força de ação.

E para a máquina ou relógio humano quem dará a energia, qual será a mola propulsora? O espírito.

Quem acionará esta energia, quem carregará esta mola? Deus Trino.

Não existiria vida, nem movimento, nem ação, nem pensamento, nem sentido, e o corpo seria semelhante à matéria inanimada, se não houvesse nele a centelha espiritual.

Seria como se (para voltar à comparação acima feita) quisesses fazer oscilar o pêndulo de um relógio cuja mola estivesse descarregada: existem todos os pesos, colocados cada qual no seu lugar, mas eles permanecem inertes.

Para que desempenhem a sua função é indispensável que a carga exerça sobre eles a sua força motriz; então, cada uma das rodas, começando a mover-se, transmiti-la-ão até ao pêndulo, que começará a oscilar.

O ciclo que realiza a matéria representada pelo corpo humano é comparável ao de uma pedra que, sendo lançada, leva consigo uma quantidade de força, segue uma trajetória ou paralela de ascensão e de queda e cai, depois, mais ou menos próxima ao objetivo para o qual foi lançada. Como ela, o homem tem em si uma energia inicial e segue no tempo o desenvolvimento de ações várias, cujo alcance pode comparar-se aquela trajetória da pedra.

Depois, com a queda ou morte, o espírito se libera da matéria, o corpo se dissolve e os elementos que o compõem repetem o seu eterno ciclo evolutivo no grande vórtice da transformação e do equilíbrio.

Nada se crea, nada se destrói, tudo se transforma na natureza, isto é, no mundo físico.

Ao espírito, confinado, por um processo de purificação, na matéria, é, portanto, concedido somente uma zona restrita, dentro da qual pode mover-se a sua vontade e dirigir pensamentos, desejos e ações, que diferem de homem para homem.

Não Me detenho em falar-te, Meu filho, dos fenômenos neuropsíquicos, cuja ciência é simplesmente justificável como tentativa para atingir os umbrais do transcendente, o que é possível através da concepção do homem considerado como uma máquina automática.

Abstenho-me de tratar tais fenômenos da subconsciência e da pré-consciência, que a psicanálise intentou explicar totalmente através da ação do irracional, do instinto e do sentido na vida psicofísica do homem. Quis apenas analisar, necessariamente em síntese, os aspectos maiores da constituição integral do homem.

Resta explicar como, sendo os corpos formados da mesma matéria, eles diferem profundamente na sua qualificação humana e originam heróis e vilões, cientistas e ignorantes, artistas e positivistas, espiritualistas e materialistas, bons e maus.

A diversidade de semelhantes individualidades é justificada, exclusivamente, ainda uma vez, pela ação da vida psíquica sobre a vida corpórea. Que testemunham, realmente, estas qualidades particulares do indivíduo, senão uma força do espírito que domina a matéria, em maior grau de elevação da centelha energética?

Se assim não fosse, se quisesse atribuir a causa à constituição fisiológica mais ou menos eficiente, ou ao perfeito funcionamento da rede nervosa, ou a insuficiência de qualquer outro órgão, dever-se-ia reconhecer, implicitamente, uma afinidade psíquica em todos os homens que se assemelham fisicamente e, em particular, aos ligados por vínculos de sangue.

Quando dizes: "é do mesmo sangue", queres aludir não ao líquido vital somente, mas, com ele, a uma comunhão existente em toda a matéria dos dois ou mais indivíduos considerados, isto é, também aqueles órgãos, cujo desenvolvimento e precisão os deveriam tornar igualmente preferidos ou desprezíveis, fazendo-os emergir da maré humana ou sufocando-os nas suas ondas.

Muitas vezes, ao contrário, de um pai de educação e elevação mental exemplares nascem um ou mais filhos cuja energia e capacidade se manifestam apenas na dissipação das riquezas acumuladas. Na morada que, com a sua modéstia, revela o âmbito de um humilde lavrador, incapaz de melhorar as próprias condições sociais, pode abrir os olhos à luz um recém-nascido que, no futuro, fará correr a fama de seu nome pelo mundo. Uma mãe criminosa e um pai homicida podem gerar talvez o filho que amanhã, com perfeito espírito moral, vai colaborar na criação de novas leis para a repressão do mal.

Como se pode, pois, falar de lei de causalidade fisiológica? Somente a quem é cego pode não se revelar que o ímpeto do herói e a constância do cientista, a grandeza do artista e a profundidade do filósofo são devidos à potência da Centelha Divina, que não conhece nem estirpe nem sangue.

Então, está justificada a personalidade daqueles Grandes que, na história do homem e da sua civilização, representam os melhores modelos de uma raça do espírito: de Arquimedes a Marconi, de Sócrates a Kant, de César a Napoleão, de Cincinato a Garibaldi, de Leônidas a Toti, de Scope a Miguelangelo, de Homero a Dante, de Shakespeare a Leopardi, a Goethe, a Chateaubriand, a Carducci, numerosa é a multidão daqueles cuja vida pode atestar a soberania do espírito sobre a matéria, como razão precípua da sua grandeza.

Cada homem deve compreender e convencer-se de que o corpo humano, embora apresentando todas as características de máquina criada em série, é movido por um conjunto espiritual de energias diversas, pulsantes e vibrantes, que seguem uma linha precisa de aspiração ideal e de evolução, manifestando-se mediante a liberdade de ação de cada um.

Que a realidade do **eu**; metafísico se afirme, pois, em toda a sua grandeza e potência através da tua personalidade; que a sensibilidade que em ti ele alimenta-te leve ao amor e a comunhão alegre com a vida do Cosmos; que o pensamento do qual ele e a alma te impila para a elevação na luz da Verdade!

LUZ ETERNA

O homem, profano ou eleito, ateu ou crente, em meio ao tumulto que de instante a instante agita e impele a Humanidade ao longo dos caminhos do tempo, é levado, por impulso profundo do seu ser psicofísico, a interrogar-se qual seja a estrada para buscar e encontrar a felicidade, singular ou coletiva.

Basta que cada indivíduo se indague: "Quem sou? De onde venho? Para onde vou?", para compreender que tem uma missão na Terra, a qual veio para cumpri-la.

O próprio fato de que a vida é luta contínua, e o corpo nada mais é do que pó levado pelo vento na agitação do consórcio humano, prova à evidência que a vida não pode ser fim para si mesma e que a alma não toma posse do corpo para realizar na Terra uma estada de prazer e ócio, mas, ao contrário, de luta e trabalho. Ocorrerá, então, naturalmente, a pergunta de qual seja o verdadeiro caminho a seguir, onde se possa encontrar a estrada justa, e como, superando baixezas e tentações da matéria, se alcança a verdadeira luz.

A Religião é guia da atividade humana. Mais, contudo, do que aquela que consiste na crença cega do dogma e oferece alguma coisa de grandioso ou de excitante ao espírito, é a que determina as relações entre os homens e Deus, ou entre homem e homem, é incentivo ao Bem e eleva os homens acima dos brutos. Nessa feita de amor ao próximo, pode-se encontrar resposta à tormentosa interrogação.

Quando o problema é formulado em função de radicadas exigências edonísticas e sensualísticas, que chegam a revestir roupagens intelectuais e, às vezes, morais, o egoísmo busca justificar com base dialética o bem estar satisfeito do corpo e do espírito. Acredita-se, então, haver curado assim as chagas sangrentas do mundo e de ter resolvido, de uma vez para sempre, o problema do ser e do vir a ser.

Satisfeita a sede sensual, embora através de prazeres ditos **ideais e estéticos**, sistematizada filosoficamente a questão **moral**, se esta bem longe, entretanto, de conceber o problema na sua autêntica

essência. Por que é impossível dar-se conta de que o conjunto orgânico da Humanidade faz parte de uma harmonia superior e determinante, baseada no equilíbrio **numérico** rigorosíssimo, que é a lei. Esta lei não pode ser violada sem se aceitar as conseqüências correspondentes, ou seja, sem se sofrer as reações devidas ao perene restabelecimento e reconstituição do equilíbrio originário.

Encerrar-se, por isso, na própria felicidade é como tirar a outros uma possibilidade **a priori**, que é minúscula, mas necessária roda no funcionamento do grande relógio que assinala o tempo universal.

Viver significa oferecer com absoluto desinteresse a própria obra ao todo coletivo sob cada aspecto de ação e de pensamento; exatamente como o marcar dos segundos do tempo que passa é a manifestação da obra múltipla dos mecanismos isolados.

Se a potência de uma completa felicidade vibra no teu espírito, e o teu cérebro faísca centelhas que esta potência produz, derrama-a em torno da tua pessoa, sabe-a comunicar aos outros, distribui-a com generosidade: ela te retornará decuplicada e tu verificarás que a sua prodigiosa virtude consiste no ligar, como cadeia de onda sonora e vibratória, segundo a potência do próprio impulso, ser a ser.

Os segundos se sucedem, selecionados pela gradual aproximação dos acontecimentos, mas o tempo que eles marcam, da mesma forma que o rotar da luz das estrelas no céu, está unido na infinita eternidade como todas as coisas.

Por isso os homens, embora sendo individualizados na forma de personalidades distintas, quando medem o ritmo da vida com as suas vibrações sensitivas e passionais, não devem isolar-se, mas sentir-se sempre em função de um todo, em uma única concatenação com seus semelhantes, no qual não está diminuído ou nivelado a sentido da própria individualidade, mas onde está adquire valor ainda mais elevado.

Cada ser é uma roda do grande quadrante, e tem missão bem definida para executar. Sentir isto na profundidade do próprio costume de vida, ininterruptamente, significa projetar luz reflexa e sintonizada aos outros. Cada grão de pó sustenta uma montanha, e uma pequena pedra, que oscile ou que falte, faz muitas vezes ruir o maior dos edifícios.

Não é, talvez, um pedacinho de neve rolando, que cria a avalanche destruidora? E a faísca não pode ocasionar um horrível incêndio? A gota da água não faz também parte do grande mar e do grande ciclo?

Disse Lao-Tsé: "a árvore gigantesca teve uma raiz fina como um cabelo; a torre de sete andares se iniciou com um punhado de terra; uma viagem de mil milhas teve como começo, um passo".

É necessário compreender-se, para compreender. Não, porém, compreender-se no circunscrito mundo da própria personalidade contingente, no obscuro sentimento do orgulho, que pode fazer sentir e acreditar ter personalidade superior a dos outros seres, mesmo quando isso não é absolutamente verdadeiro.

É inútil dizer: "Eu me sinto - **Eu sou**", quando esta fórmula é a síntese expressiva de insano individualismo; supera-o, anulando o que em ti é unicamente egoístico, fictício, ligado às pequenas glórias, às vaidades de domínio e de grandeza do mundo profano. Somente então se ampliarão os horizontes, desaparecerão os limites.

Apenas quando o indivíduo, com serena consciência do dever a cumprir, se acomoda ao mundo e às coisas, ou seja, ao ocasionado pela manifestação, cessa a estéril oposição entre o eu e não eu, entre sujeito e objetivo: a força interior que agora livre pode penetrar em profundidade e o eu individualizado conscientemente vai realizar-se na ação.

Tu, Meu filho, não estás nem podes te sentir acima de quem quer que seja no plano da mera manifestação e dos múltiplos ilusórios poderes humanos, antes de estar liberto do ligame do eu que se contrapõe ao não eu.

É loucura pensar em superar os outros quando nem Deus Cristo quis situar-Se acima de alguém, não porque não o estivesse, mas porque quis colocar diante dos olhos dos homens o mais perfeito exemplo do superamento do **eu** terreno, da transitória individualidade humana.

Insensatos são os que ficam ensoberbecidos pela própria empírica, limitada personalidade, pela sua "cultura", pelo seu "idealismo", e que se crêem capazes de tudo compreender e de poder guiar aos outros.

Mesmo se eles demonstrassem estas virtudes, elas seriam baseadas em princípios errados, isto é, em uma ulterior e mais enganosa forma de egoísmo e, assim, não verdadeira e não adaptada a projetar aquela luz que, sendo parte de Deus, e eterna e vive em cada homem, pronta a libertar-se da matéria que a oprime.

O homem para ser digno de assim chamar-se e de acomodar-se ao grande problema do ser e do vir a ser do gênero humano, deve considerar-se, antes de tudo, fora da veste física dos sentidos e das paixões.

Quando ele chegar a conceber Deus como todo o Infinito, e a Humanidade como parte (embora pequena) deste todo, somente então estará em grau de "amar o próximo como a si mesmo". Poderá, assim, julgar, julgando o próprio eu, porque terá compreendido a verdade da Luz Eterna.

Não são, porventura, em cada religião, os conceitos de amor, fraternidade, humildade, que devem fazer vibrar os corações humanos?

Estas foram as grandes orações da religião cristã que, na alvorada da Nova Era, a fizeram triunfar sobre a obscuridade do seu tempo pagão, apesar de todas as contrariedades e perseguições. Isso queria traduzir o raio de luz que na distante noite iluminou de esplendor sublime a pobre choupana palestina, perdendo-se no religioso silêncio da campina de Bethlém.

Um Deus nascera: tinha vestido a humilde carne. Era o Criador do Todo e agora jazia em um mísero estábulo, triste como Fria era aquela noite, indigna de acolher o pequeno Menino da grande alma; mas Ele vinha para viver com o homem e doar-lhe aquilo que, nos séculos, deveria ser o seu pão quotidiano.

Para anunciar o acontecimento extraordinário, os Anjos elevavam as Suas hosanas, enquanto brilhava no céu do Oriente a estrela Divina.

Vibrou o amor de José e Maria que estavam junto ao Redentor; e o Seu hálito, na noite fria, confundiu-se com o do burro e do boi.

Bastaria contemplar naquela noite o infinito que se abria Sobre Bethlém para reconhecer, naquelas luzes, mundos distantes lá colocados para testemunhar nos séculos a superioridade do seu Grande Artífice.

Agora Ele vinha à Terra para oferecer a Sua palavra aos homens, para deles aproximar-se, criando a base da nova doutrina que acenderia nos corações humanos a faísca da grande chama.

Não foram a Humildade e o Amor que guiaram as Suas ações, que deveriam depois servir de exemplo à Humanidade?

Foi com estes princípios que Ele manifestou a verdade da fé, dos costumes, dos ritos e da vida, não deixando dúvidas sobre a realidade da Sua verdadeira Essência; as Suas obras foram prodigiosas; ressuscitou mortos, curou cada enfermidade, pasmou, com Seus ensinamentos, todos os que Dele se aproximavam.

Será esta voz de Amor que falará às futuras gerações: desde a cândida dos primeiros mártires da Igreja à ardente de São Francisco de Assis; da inocente da pequena Tereza à profunda de Santa Clara. Ela é a voz às vezes exortadora e benévola, às vezes admoestadora e intransigente, que nos séculos iluminará as ações humanas. Amar e fazer-se amar e a grande doutrina: no amor unicamente o homem encontra a estrada para o seu Deus e abre o caminho às obras mais belas e maiores.

Amor, Fraternidade, Humildade são os raios que partiram da face do Redentor para difundir-se sobre a Humanidade inteira; são ainda eles o hino festivo que se eleva, de quando em quando, aos céus pelos toques dos brônzeos sinos. Amor à harmonia da natureza que te sorri em derredor; ele é ainda a alma do imenso criado. A vinda de Deus tinha trazido a Grande Lei; Sua própria vida e testemunha disso.

Amor e Humildade, duas pedras que não podem ser encastoadas senão juntas, uma ao lado da outra, porque formam a grande gema que, atraindo o homem com o seu magnífico resplendor, o guia, na verdadeira estrada, para a Luz Eterna.

Que é um ser humano qualquer em frente à realidade do Menino de Bethlém? Que eco pode ter o seu **Eu** ante à Onipotência Divina? É simplesmente mesquinho o orgulho do homem. Cristo não desdenhou, mas, ao contrário, amou aproximar-se dos infelizes e dos pobres para escutar-lhes as dores, tratando-lhes as chagas e enxugando-lhes as lágrimas.

Que é o homem em frente ao criado?

Uma cana, mais ou menos alta ao sabor do vento; se este sopra fracamente, ela ondulará; se é forte, dobrar-se-á; se é turbilhonante, quebrar-se-á. Por isso é vã a soberba que reside na fortaleza e na beleza do corpo, beleza destinada a tornar-se cinza a ser levada pelo vento para terras desconhecidas.

O homem não pensa, não reflete sobre a sua verdadeira essência, e, baseando-se em qualidades somáticas momentâneas, assume atitudes que o deveriam fazer sobressair sobre outros, mas que, antes, contribuem para torná-lo ridículo.

O orgulho é a efêmera supremacia do corpo sobre o espírito; a humildade, ao contrário, é a sabedoria da alma e o meio de elevar-se a Deus. O primeiro não pode senão dar frutos maus e estéreis, enquanto a segunda, semeando amor, leva consigo a vitória do espírito e a benevolência recíproca.

Aquele que se ensoberba em um vão sentido de supremacia é semelhante a quem, caminhando sobre pés de pau, ameaça cair de um minuto para outro. Não se envolva, portanto, o homem em uma ridícula veste, mas siga a luz de onde ela vem. Não seja fim de si mesmo, mas escute o impulso do Amor e da Humildade: somente superando e seu materialismo encontrará a Luz Eterna.

A PERSONALIDADE

Cada ser, **in natura**, leva consigo a marca da própria personalidade espiritual que sobressai do indivíduo, qualquer que seja sua educação social, mostrando, com peculiares e espontâneas tendências, o grau de evolução a que atingiu.

O pensamento é a faculdade íntima que caracteriza o indivíduo antes de manifestar a sua função evolutiva: pensamento, vontade e ação é a força propulsora e plástica de cada construção humana.

Como se poderia, realmente, criar sem pensar, e pensar sem querer?

Qualquer que seja a idéia que se manifeste ao homem, ela é fruto de um pensamento mais ou menos profundo, mais ou menos constante, mas também sempre querido, e que, variando de indivíduo para indivíduo, conforme a elevação do seu espírito e a profundidade da sua cultura indica exatamente o modo particular pelo qual se revelam as suas aspirações.

O pensamento, portanto, é parte integrante da personalidade humana, porque lhe exprime, ao mesmo tempo, a vitalidade psíquica e a energia volitiva na plena consciência individual.

A forma, porém, que melhor traduz e torna comunicável o pensamento do homem e a palavra. Em virtude dela, ele é chamado o rei de todas as espécies de seres vivos, os quais não têm o dom da linguagem, mas que, todavia, manifestam, sob expressões diversas, uma atividade psíquica, uma alma.

Se um cão morde, ladra, sacode a cauda em sinal de alegria, rosna ferozmente contra um inimigo, ou gane sob o ímpeto das pancadas, falo segundo o estímulo daquilo que no plano animal é o seu pensamento, manifestando, assim, inconscientemente, através do instinto, a sua personalidade e os seus sentimentos.

Em relação a este mamífero doméstico, há outra característica que o distingue. Nunca observaste como nesse animal, comumente sociável, se manifesta, muitas vezes, um sentimento de ódio, sem razão aparente capaz de justificá-lo, em relação a determinados indivíduos?

Deles não aceita carícias, e cada afago para fazer cessar a sua desconfiança é vão. Nunca te indagaste por que muitas vezes ele prefere estar com indivíduos que talvez o maltratem, e foge de outros junto, aos quais teria um melhor cuidado?

Isso ocorre porque o seu espírito, encerrado na prisão de um corpo inferior, possui a faculdade de recordar as próprias existências anteriores, e embora privado da palavra, tem, sobre o homem, um privilégio mneumônico. Daí pode suceder que a mordida, aparentemente injustificada, dada em uma pessoa, não seja o resultado de mero capricho, mas o desafogo de velho rancor.

Isso no que diz respeito às tendências e aos sentimentos animais que demonstram o ânimo sensitivo interior que domina cada um. Antes, porém, de nos entranharmos na discussão da personalidade do homem, analisemos aquelas que indicam com precisão as características dos reinos inferiores.

Passemos, assim, a particularizar o caráter dominante dos reinos, através do seu trabalho.

Quem nunca observou os artrópodes, quer sejam aranhas venenosas ou domésticas, quando dedicadas ao trabalho, tecendo com precisão e habilidade extraordinárias a teia sutilíssimas com o fio que elas mesmas produzem pela secreção das glândulas abdominais? Quem nunca viu esses aracnídeos quando se esforçam para encerrar na prisão de suas redes um inseto qualquer que nelas se haja emaranhado?

Se para observar a aranha tiveste talvez de levantar o olhar, abaixa-o agora para a terra e concentra a atenção sobre as filas de pequenos himenópteros que, em trabalho incessante, vão e vem em redor de ti: aí encontrarás uma intuição, uma prudência e um trabalho, que, certamente, não são desprezíveis.

O buraco aberto na terra, com os seus meandros, recorda o abrigo das tuas casas; o fardo superior as suas forças, que eles a custo transportam, e prova de vontade tenaz e constante, que muitas vezes não encontra cotejo no homem; aquele trabalho contínuo testemunha, na sua modéstia, um aspecto da evolução universal.

Quando os rigores do inverno os obrigam a não ver a luz do Sol, somente, então eles, a contragosto, consomem parte das provisões acumuladas, ansiando por novas brisas para voltar, ainda uma vez, ao trabalho e à fadiga.

O homem, inadvertidamente, ou talvez de propósito, poderá suprimir aquelas vidas, espalhando a morte sob o tacão do seu pé; mas talvez se recusasse a fazer isso se considerasse e estudasse os caracteres de tenacidade, de prudência e de equilíbrio no trabalho, virtudes próprias dessas pequenas criaturas.

Os pássaros, ao contrário, manifestam a sua individualidade na acurada construção dos seus ninhos e nas outras ações inerentes às suas vidas de criaturas aladas.

Se tivesses visto as andorinhas partindo para terras desconhecidas e houvesse admirado a ordem de suas filas, terias reparado que elas possuíam as características de um exército pronto a marchar às ordens do seu chefe.

Voltando ao grupo dos artrópodes, fixemos a atenção, pela segunda vez, sobre um himenóptero, a abelha.

Ela vive na sua colméia e o enxame é constituído de poucas dezenas de machos, cuja função é simplesmente fecundadora, e de algumas milhares de operárias, subordinadas e comandadas por sua rainha.

Não observaste, aqui, todas as condições de uma pequena, mas ordenada sociedade? Não notaste, nas diversidades que individualizam os seus corpos e na ação que distingue o seu grau, não somente o delinear-se dos caracteres dominantes das abelhas, mas também as relações de hierarquia que ocorrem entre elas, da rainha à operária?

Quando, depois, passares a colméia, obra prima de técnica e de arte perfeita, facilmente reconhecerás, na precisa disposição dos alvéolos, a marca do seu trabalho, que bastaria, por si só, para definir e distinguir as abelhas.

Todos os animais, portanto, indistintamente, apresentam individualidade própria através da instintiva manifestação da sua atividade psíquica que revela neles, se não um espírito perfeito, um sopro que os anima.

Há, entretanto, uma diferença entre o homem e os outros seres, resultante de que o primeiro, através da palavra, pode livremente manifestar a própria atividade psíquica ou, ao menos, tornar preciso o próprio pensamento, enquanto esta faculdade é negada aos últimos.

Os seus órgãos, mesmo quando forçados, não são capazes, salvos raras exceções, de produzir os sons articulados que manifestam a profundidade da concepção, a grandeza da alma, o idealismo de projetos.

É-lhes vedada a expressão da linguagem que exalta e aflige, consola e magoa, ama e odeia, elogia e despreza, levando a voz da ciência, o apelo do desespero, o contentamento do canto, o grito da alegria. Subsiste neles um único meio de manifestar o próprio pensamento, a atividade interior: o instinto.

Dever-se-ia acreditar em parcialidade se não se pensasse na providente mão Onipotente que tudo regulou, segundo o seu justo valor.

Que aconteceria se não existissem os planos evolutivos? Cada coisa, digo cada coisa, mesmo aquela que a investigação humana considerou não necessária, tem uma justa razão de existir.

A palavra, portanto, é o grande meio posto à disposição dos homens para aproximá-los na comunhão de propósitos e de ideais. Mediante a sua tradução, aparece, de repente, não só a **individualidade** do ser, que é o seu aspecto interior e exterior fisiológico, mas a **personalidade**, que é a expressão do espírito.

A primeira é a característica do modo de viver, que cada indivíduo tem com as suas tendências materiais, seja ele consciente ou não. A segunda é a manifestação do grau de evolução espiritual alcançado nas ações psíquicas.

A personalidade, assim, é o caráter dominante que o espírito manifesta através da matéria com as atitudes do próprio modo de ver, de pensar, de agir, em suma no conjunto de viver. A personalidade compreende, por isso, os seguintes conceitos: o **eu** psíquico, o meu, o corpo, o **eu** social.

As ações humanas, tornados na sua totalidade, são suscetíveis de uma classificação fundamental que as distingue em voluntárias e involuntárias, conscientes e inconscientes.

Elas são, de fato, distribuídas em vasta escala, a qual se estende das ações que o homem realize na plenitude da sua vontade aquelas que são totalmente independentes dessa vontade, como os atos que ele, sob a influência de estímulo externo, executa inadvertidamente sem a mínima interferência da sua ação volitiva.

As ações voluntárias, que entram no primeiro grupo, apresentam a característica da personalidade, pois que se é verdade que esta reflete em si a ação de uma força psíquica, e por outro lado exato que ela traz consigo a marca psíquica da vontade humana, dessa faculdade que tornou evidente algures ser aquela que domina todos os sentidos espirituais.

Conforme a intensidade da influência do ato de volição, a personalidade pode distinguir-se em três graus, formando outras tantas categorias de atos psíquicos mais ou menos queridos: a primeira, diz respeito a todas as ações que particularizam a personalidade mediante um firme e às vezes constante ato volitivo; a segunda, as que são a consequência de uma catarse, isto é, de domínio sobre emoções e sobre paixões; a terceira, enfim, as em que a vontade se manifesta em grau menor do que nas duas precedentes, ou nas quais ela atua por um tempo brevíssimo, que às vezes pode se reduzir a poucos instantes.

Em todas essas graduações, o **eu** do homem nunca é nem perfeitamente livre, nem completamente preso: no primeiro caso, como no último, existe sempre a luta entre o instinto e as paixões, de uma parte, e a vontade e a razão, de outra, ou aquele dualismo que gera o contraste e decide o êxito final. Isso se verifica igualmente nos atos impulsivos, através de todas as emotividades violentas que agitam o ânimo e arrastam a consciência, sufocando-a no abismo do ímpeto e nas quais, à primeira vista, poderia considerar-se nula a influência da vontade ou a orientação da razão.

Também na ira é evidente a ação de influência volitiva, que se manifesta com um segundo de hesitação, um minuto de dúvida, o qual caracteriza a indecisão do homem, preso na luta, entre o impulso iracundo, de um lado, e a vontade psíquica, do outro; uma paralisação mais ou menos instantânea, que do relevo ao drama interior que o indivíduo está atravessando e que, dentro em breve, vencendo a sua razão, explodirá em expressões desordenadas de desprezo e de cólera.

Uma vez que o desencadear-se de tais paixões humanas depende da influência negativa de determinados **chakram**, e mais precisamente do predomínio de um deles sobre outros, aquele instante, embora fugaz, de incerteza e de luta, revela a imperfeição do desenvolvimento anímico do indivíduo, a insuficiência não somente da vontade, mas também do **eu** psíquico, representando uma amnésia de consciência total, ou quase, que degrada o homem alterando-lhe a sua verdadeira personalidade.

Voltando às três expressões da personalidade, incluiremos, na primeira, isto é, naquela em que subsiste o pleno conhecimento do ser agente, o homem.

Este, de fato, se diferencia do bruto e está no ápice das criações da natureza como **homo sapiens**, graças à potência do seu pensamento, pelo qual ele cria e domina.

"**Cogito, ergo sum**", afirmou Descartes, isto é: a idéia e o produto vital do espírito.

É a manifestação deste último que torna diferente homem do homem, conferindo a cada indivíduo características próprias, plasmando os seus sentimentos nos diversos modos de ser. E é precisamente nas fases manifestativas que cada ser vivente afirma e concretiza os caracteres da própria personalidade.

Assim ocorre para o reino vegetal. Planta os mergulhos: eles pouco a pouco se desenvolverão, gerando a vida, a qual produzirá o fruto que dará lugar ao mosto, e, depois de haver fermentado, ao vinho, o qual conforme a cor, a gradação alcoólica, o sabor, será chamado branco, tinto, de refeição, comum, de luxo.

Isso é apenas um simples exemplo da atividade vegetal, que demonstra como cada coisa tende infalivelmente a afirmar continuamente as próprias características.

Voltemos, porém, ao nosso tema, e ocupemo-nos da personalidade considerada em relação ao segundo grupo das ações humanas, isto é, aquele no qual se compreende as comoções, da tristeza a alegria, da cólera ao medo, e também as paixões, como o ódio, o desprezo, o entusiasmo, a simpatia.

Elas representam as vibrações anímicas provocadas por violentas oscilações e inesperadas reações súbitas do espírito.

As comoções são manifestações psíquicas acompanhadas de processos fisiológicos e espelham a força reagente do eu em frente às impressões ou aos estímulos imprevistos, que provocam no ser a alegria do delírio e do inesperado, o desdém pelo insulto e a ofensa, o medo do desconhecido e do inevitável.

Representam estas uma forma de possíveis purificações da alma através de tudo o que a golpeia, uma reação que, às vezes, pode ter causa nas emoções, mas que, frequentemente, dá, ao contrário, margem a um extravio de si mesmo.

Na tua reação, Meu filho, a uma repentina situação, realizas um ato volitivo automático, o qual, porém, não é ditado claramente do íntimo do teu pensamento, mesmo se este pensamento pareça, como no caso da ira, cooperar com a ação. Nesses estados, caracterizados muitas vezes por esforços múltiplos e inanes, se delinea a **personalidade sensitiva**.

Junto a eles temos as **paixões** que, diferentemente das comoções, apresentam todas, indistintamente caráter de continuidade, das mais nobres, que encerram no seu princípio um imperativo categórico, as que deles completamente se destacam. Essas paixões manifestam-se na tendência que leva um indivíduo irresistivelmente à concentração ou ao misticismo, ou no motivo que alimenta no íntimo um lento e prolongado sentimento de aversão ou inimizade para com outros, e também nas expressões de simpatia na comunhão de ideais, de sentimentos e de aspirações que aproxima os amigos.

A inclinação psíquica correspondente produz-se sempre com certa constância, quer fale a voz da retidão e da fé, em um impulso para Deus, quer a vontade humana, animada por sentimentos pouco nobres, propenda por um rancor tenaz, mas inútil e nocivo, quer ainda o homem, no seu entusiasmo, creia e opere além da sua própria possibilidade.

Temos, assim, outro aspecto bem definido: o da **personalidade consciente**.

Acima dessas três manifestações, que revelam uma irresistível energia interna, domino a personalidade do **eu** psíquico através de uma série de aspectos pelos quais alguns têm querido criar uma classificação conforme o grau da sua relação com as formas superiores da consciência. Determina-se, desse modo, uma escala

que, partindo dos sentimentos e das emoções, leva às idéias, e, por conseqüência, aos processos do pensamento.

A classificação, porém, não se detém aqui, determinando-se também com base no que, comumente, é chamado "**o meu**".

Compreende este conceito os objetos e as coisas que pertencem ao **eu** material, formando a expressão externa da sua personalidade. Ele diz respeito a uma série de propriedades particulares marcando inequivocamente o que pertence a categorias bem determinadas: o arado, a enxada, o enxadão levam imediatamente o teu pensamento ao camponês; o navio e os submarinos ao marinheiro; o aeróstato ao aeronauta; o aeroplano ao piloto; a oficina ao operário. Cada instrumento pode considerar-se como símbolo da individualidade operante da criatura a que pertence.

Isso no que possa referir-se aos variados aspectos da tua personalidade na manifestação da energia; todavia, também as outras coisas que te pertencem se vinculam à tua pessoa, e sentes que estão ligadas a ti por motivos ou recordações diversas, compreendendo a idéia do teu **eu**. Com elas, o homem criou uma distinção pela qual comumente julga que contenham melhor o conceito de personalidade às coisas que possui há mais tempo, porque a memória dos anos decorridos serve para reforçar o conceito da propriedade. Assim, a vista de um objeto qualquer que se liga à tua infância, te dá Meu filho, uma sensação de posse e propriedade muito mais intensa do que a relativa ao objeto que recentemente adquiriste.

No conceito do **meu** entram todos os meios que podem, com as suas características materiais, particularizar o indivíduo no seu hábito externo. Ele manifesta, através das suas variantes, as tendências da alma, não só pelo que concerne às preferências estéticas formais, mas, também, por tudo o que diz respeito ao aspecto contingente "burguês". Não é talvez, a vestimenta que define a personalidade social do soldado, do operário, do sacerdote? E, descendo a multiplicidade de uma mesma categoria, não estão também, na afetação, no luxo, na finura, na negligência, na humildade, o sinal do coquetismo, na luxúria, da gentileza, do abandono e da modéstia?

Cada homem sente pertencer à sua personalidade este **meu** e cada qual de um modo mais ou menos preciso, salvo em dois casos que representam os extremos dessa sucessão e que se manifestam como anormalidades, ou seja, como doenças mentais. Tais são a megalomania e a melancolia ansiosa: a primeira faz o homem pensar que tudo quanta vê seja de sua propriedade, e daí tudo querer, em um desejo insaciável de possuir; a segunda faz acreditar que nada é seu, que tudo o que vê, toca ou, que de qualquer maneira percebe, seja propriedade de outro, de sorte que ele, nessa mortificante concepção, imerso em um ambiente que se lhe a figura ingrato, se lamenta de viver de alimentos que outros ganham e de vestir-se com roupas que não lhe pertencem.

O sentido da propriedade do corpo é talvez o fator de cuja ação menos se adverte: cada indivíduo sente necessária e fatalmente que pertence à sua existência aquele mecanismo humano pelo qual vive e age através de todas as manifestações dos seus atos, quer materiais, quer espirituais. Ele pensa mediante a faculdade do **próprio** pensamento, move-se em virtude dos **seus** membros, discerne com fundamento na **própria** consciência, respira por aqueles pulmões que sente lhe **pertencem**, vê, ouve, saboreia por meio de órgãos que trazem a marca e manifestam o querer do seu **próprio eu**. Quem, de resto, poderia duvidar de um vínculo comando-ação existente entre o indivíduo que quer levantar um braço e este membro que, quase a revelia, se ergue?

Quem não quereria reconhecer que pertence à mesma vontade determinadora o pensamento de quem pretende atravessar um regato e a ação da perna que, com matemática precisão de movimentos, se estira para superar o obstáculo?

Cada indivíduo experimenta, por essas e outras razões, a plena certeza de que o seu corpo não é ponto separado dele. Por outro lado, ele possui todas as características somáticas que individualizam cada um dos seres com base naqueles aspectos exteriores pelos quais um homem não é idêntico, salvo raras exceções, a outro homem. Antes, os fisionomistas, querendo dar a tal diversidade demasiada importância, acreditaram encontrar na constituição física o princípio fundamental para julgar as ações humanas.

Prescindindo do valor efetivo de juízo sobre semelhantes teorias, permanece o fato de que a natureza, a grande artífice das características somáticas, forja por si as marcas indeléveis de distinção e personalização através de inúmeros exemplares de um mesmo modelo. Muitos entendem que na cinestesia se encontra a base fisiológica da consciência da personalidade.

Todavia, uma teoria geralmente conhecida, porque já se tem admitido a íntima ligação entre o corpo e o indivíduo, faz distinção entre as suas diversas partes, sustentando que elas não participam da mesma maneira da vida psíquica individual.

Com base nesse princípio, julga-se que a cabeça faça parte da pessoa mais do que qualquer outro órgão, do mesmo modo que, mantidas as proporções, as mãos tem uma superioridade sobre as pernas.

Isso pelo que diz respeito aos indivíduos normais, pois que também aqui se encontram exceções que entram no campo da patologia mental ou psicopatologia, a qual conhece e trata dos distúrbios que levam ao descobrimento do próprio corpo.

Resta, por último, o **seu social**, que pode definir-se e considerar-se como o próprio **eu** em relação com os demais.

Ele personaliza o indivíduo baseado nos contatos com a sociedade na qual vive e manifesto a sua energia em cooperação com todos os que o circundam, refletindo nas relações que estreita, sejam de amizade ou de interesse, as suas tendências, as suas ambições, os seus ideais, o seu pensamento.

Em tal campo define-se a posição que o indivíduo ocupa na vida, fator primeiro do ambiente que o circunda.

Entram, também, na categoria desse **eu social** o nome, a família, a cidade, a região, o Estado a que o indivíduo pertence, a raça que se revela nas suas características somáticas, a religião que lhe forma os princípios morais, a instrução que constitui o grau da sua cultura.

X X X

Tratei, assim, a personalidade sob os quatro aspectos que, querendo adotar a terminologia de James, se podem chamar:

O EU PSÍQUICO, o CORPO, o MEU e o EU SOCIAL.

Apresentei uma vasta multiplicidade de manifestações – nem todas foram analisadas - que delineiam a personalidade do indivíduo estendendo-se da atividade de pura índole psicológica, como o pensamento e os dinamismos intelectivos, às afirmações de vida, aparentemente exteriores, mas que revelam em si mesmas tendências interiores bem definidas e características anímicas individuais.

À medida que a personalidade se delineia, precisando-se nos seus detalhes de grandeza, a evolução do espírito, acompanhando-se paralelamente a ela, se sublima e se realça cada vez mais.

OS SENTIDOS

Cada homem é dotado, desde o início da sua vida, de faculdades sensitivas que se desenvolvem progressivamente, completando-se com o decorrer dos anos e com o aperfeiçoamento dos órgãos correspondentes.

Os sentidos materiais são cinco: vista ouvido, tato, olfato e gosto.

Graças à mediação deles, o homem, e do mesmo modo cada animal, percebendo a realidade sensível, entra em contato com a natureza, quer para receber os raios da luz, quer os rumores mais ou menos próximos, mais ou menos fortes, quer o íntimo contato da matéria, quer ainda as moléculas, ou o íon, ou as muitíssimas partículas de substâncias suspensas no ar.

Sentido... Palavra que evoca imediatamente à memória um conjunto de órgãos complexos, mais ou menos conhecidos pela ciência ou justificados pela razão humana, mas todos contendo igualmente a marca de uma natureza pródiga, sábia ordenadora e experta executiva.

Bastaria teres presente o globo ocular, das suas lentes concêntricas e refringentes ao tecido da retina que envolve e zelosamente protege os inumeráveis cordões e cones, ou a orelha, do pavilhão até a harpa harmônica que vibra com as suas minúsculas cordas nos meandros mais recônditos, ou as células olfativas situadas na mucosa pituitária, ou as papilas reveladoras colocadas nos cálices gustativos, ou o processo mediante o qual poderás perceber tudo o que tocares, para reconheceres na complexa estrutura dos órgãos do sentido uma precisão harmônica que não pode ser se não o resultado de uma obra superior, diante da qual é nada a do homem.

Mediante eles poderás abarcar com o olhar a natureza que te circunda, percorrendo a tranqüilidade serena dos céus ou a borrasca ameaçadora dos mares, a miséria que, repugnando-te, tentas afastar a cálida linguagem que um olhar enamorado sabe exprimir e aprofundar.

Ainda em virtude dos sentidos materiais estás em grau de perceber as vibrações sonoras que percutem o teu tímpano e que te levam quer o eco de trovões fragorosos, quer a harmonia de doces notas; assim, podes aspirar ao grato odor das flores, provar os sabores dos alimentos, ter, enfim, com o tato, melhor conhecimento de tudo o que te circunda.

E um conjunto de reações físicas e de dinamismos nervosos que dão e tiram, que fazem penetrar no íntimo humano a vida do Criado, tornando o homem consciente da multiforme existência e das formas de poder da natureza da qual ele faz parte.

Especial importância apresentam essas sensibilidades psicofísicas no homem, porque secundam e completam as ações fisiológicas do corpo.

De tais sentidos, porém, em cátedras científicas, já se muito falou: tratados e livros discutiram-nos, mais ou menos teoricamente, de modo diversamente específico, demonstrando, de um lado, a sua meticulosa perfeição e, de outro, pondo em evidência o valor das respectivas funções.

Por isso, não me detenho sobre eles e passo a descrever outras faculdades sensitivas pertinentes ao plano psíquico, através das quais se selecionam, gradualmente, os sentimentos e se aperfeiçoam, progressivamente, as virtudes.

Os sentimentos e as virtudes também fazem parte da constituição orgânica do indivíduo, como os sentidos materiais, com a diferença de que os sentidos dizem respeito ao corpo e eles ao espírito. Representam as sensibilidades espirituais: de fato, o homem, além dos cinco sentidos enumerados, possui sete sentidos psíquicos, que são: **pensamento, consciência, sentimento, sensibilidade, intuição, mediunidade e conhecimento** (ou vontade superior). Destes, os cinco primeiros foram e são objetos de estudos da Psicologia e da Biopsicologia, as quais, porém, não lhes penetraram, ainda, a íntima essência, enquanto os dois últimos, embora entrando no campo da Parapsicologia, da Metapsíquica e das Ciências Esotéricas, foram apenas intuídos através de tais doutrinas, enquanto são ignorados pela maior parte da Humanidade.

Como os sentidos materiais, assim também os espirituais se diferenciam de indivíduo para indivíduo, assumindo intensidade diversa em cada um, segundo o estado ou o desenvolvimento físico os do corpo, e conforme o estado evolutivo os do espírito, quase sempre com a preponderância de um deles, que vem, assim, a constituir a característica especial de cada indivíduo. Todos os sentidos têm, além disso, uma tarefa própria, isto é, uma função precisa em cooperação com os outros, na formação do indivíduo.

No que diz respeito à modalidade de ação das faculdades sensitivas espirituais, é necessário reportar-se a alguns centros da irradiação neuromagnética, cada um dos quais preside a possibilidade de manifestação de tais faculdades.

É sabido, mas ainda não suficientemente, que cada homem possui estes centros individuais, conhecidos comumente pela palavra sânscrita **chackram**, que se encontram no duplo etérico e tem o aspecto de depressões da matéria em movimento. A distribuição desses centros, que tem correspondência fisiológica com os principais plexos nervosos, representa a essência da configuração oculta.

Eles podem apresentar maior ou menor desenvolvimento, conforme o tipo pessoal e o estado; quando atingem um grau de eficiência bastante elevado, aparecem como pequenos sóis brilhantes, que giram em redor do próprio eixo vorticosamente e se mostram coloridos das mais variadas cores, correspondentes à atribuição específica da ação psíquica de cada um.

Pelo fato de que o éter sutil ou **prana**, provindo do mundo astral, flui do centro de força, irradiando-se depois, em linhas retas, perpendicularmente à direção pela qual a vitalidade é penetrada nesse sol atômico, o chackram apresenta, segundo a doutrina hindu, linhas semelhantes a raios de roda.

Essas linhas o dividem harmonicamente em tantos setores que o fazem assemelhar-se a uma flor com um número de pétalas que varia, naturalmente, de centro para centro, indo de um mínimo de quatro (como se encontra no situado na base da espinha dorsal) a um máximo de noventa e seis, como no que se encontra entre os supercílios; isso não levando em conta o pequeno sol no cimo da cabeça, o qual pode manter-se irradiando em 960 raios, tendo, no interior, outro pequeno sol, animado de idêntico movimento

vorticoso e brilhante, possuindo ambos, em comum, um mesmo ponto como centro de rotação.

Em cada homem, esses sóis atômicos são em número de sete, situados, respectivamente, na base da espinha dorsal, junto ao umbigo, junto ao baço, junto ao coração, junto à garganta, entre os supercílios e no alto da cabeça.

Importante é a relação existente entre esses centros de força e a fonte da potência primordial adormecida no interior do corpo, o **Kundalini** ou fogo serpentino, que a todos igualmente anima. De fato, eles têm correspondência simbólica com os sete Planetas principais do sistema solar, que o Sol alcança, ilumina e beneficia. Esses centros são outras tantas válvulas reveladoras que põem em comunicação o corpo humano com o mundo astral; em virtude deles, quando tiverem, no futuro, atingido um bem determinado grau de evolução, o invisível se tornará visível, o imperceptível se fará perceptível.

Assim, em um amanhã ainda distante, o homem poderá conseguir, com a sua vontade de concentração, captar as ondas hartzianas, como hoje as vibrações do ar: então ele será capaz, pela virtude do pensamento, faculdade ingênita no seu próprio corpo, de distinguir, dentre todas as demais, a voz proveniente de outro oceano, sem necessidade de aparelhos mais ou menos complicados.

Quando aquela intuição super científica, que deu ao ser humano capacidade de transmitir sons e visões a enormes distâncias, se tornar potência pessoal do homem, não mais escravo de aparelhos ou de instrumentos de qualquer modo físicos, mas devido unicamente a uma conquista interior, a um desenvolvimento psíquico que será tanto mais afirmativo quando mais se acompanhar com as melhores virtudes morais; então o que hoje pode parecer pura fantasia se apresentará como uma realidade a conquistar, um estágio evolutivo a atingir, uma expressão positiva da alma.

Há um século apenas, parecia fantasia ou sonho a transmissão radiofônica ou televisiva a uma velocidade vertiginosa, de modo a que pudesse envolver a esfera terrestre e percorrê-la diversas vezes em um mesmo minuto, de um lado a outro, por obra de uma corrente elétrica, geradora de ondas confiadas a um misterioso éter.

A glândula espiritual, ou sol atômico, da mesma maneira que as glândulas endócrinas do corpo físico segregam no organismo humano humores especiais ou líquidos, cria a atividade dos centros de força e determina as faculdades do espírito.

O desenvolvimento de cada sol atômico dá lugar ao precisar-se de determinadas tendências no indivíduo: com o desenvolvimento do centro de força do alto da cabeça se tem, no homem, a acentuada marca do pensamento; com o do frontal, o sentimento; com o da garganta, a sensibilidade; com o do centro cardíaco, a consciência; com o do esplênico, a intuição; com o do umbigo, a mediunidade; com o de base da espinha dorsal, a consciência e vontade suprema.

A sua função positiva é a de formar uma união de equilíbrio, a fim de poder refrear, moderar e modificar as várias tendências negativas, compensar as deficiências e criar aquele conjunto de sensações que formam a unidade da personalidade.

Esses centros espirituais que, como foi dito, se identificam com outros tantos plexos neuro- magnéticos, mesmo quando o foco da consciência não os tenha animado, apresentam uma viva influência quer sobre a alma, quer sobre a funcionalidade orgânica.

No período do desenvolvimento anímico, o pensamento tem uma força plástica, tende a levar o equilíbrio no mundo dos instintos e da emotividade: a consciência tempera a violência do ódio; o sentimento nobilita, por conseqüência, o pensamento; a sensibilidade harmoniza e completa os sentimentos; a intuição torna prudente cada decisão; a consciência e a vontade superior elevam o homem e tendem a fazê-lo aspirar para o alto; a mediunidade, por último, é o sexto sentido que cada um possui, por que é como que o ouvido espiritual.

Este último, porém, nem todos o tem desenvolvido, à exceção de poucos seres privilegiados. Dele falarei em particular no próximo capítulo, a fim de que possas compreender que relação estabelece entre a realidade circunstante e o espírito.

Vejamos, agora, como o espírito exerce a sua influência sobre todos os sentidos do homem; e como estes são os meios expressivos, não só da existência da chama interna animadora, mas, também, da maior ou menor amalgamação desta com o corpo.

O recém-nascido, por diversos dias, não vê, não sente; e ignorante de tudo o que ocorre em torno, no ambiente que o circunda.

Esse estado de inconsciência, que coexiste com a vida e com a vigília da criatura há pouco nascida, é devido ao fato de que, em um primeiro tempo, a alma que desceu no corpo não está ainda perfeitamente amalgamada com a matéria, tanto que a chama do espírito não pode manifestar o seu influxo sobre todo o corpo; isto, porém, ocorrerá gradualmente, com o crescimento do indivíduo: as orelhas pouco a pouco ouvirão, e os pequenos olhos observarão estupefatos as maravilhas do Criado.

O mesmo despertar gradual se verifica para os sentidos espirituais no homem, porém com maior lentidão e em idade no qual os sentidos físicos exercem já a sua função definida: isso é confirmado pelos próprios clarividentes, que vêem nas crianças os centros solares anímicos mover-se lentamente e, por causa de seu limitado desenvolvimento, emitir uma débil luz.

Eis a razão pela qual, na primeira infância, não encontrarás nunca, salvo raras exceções, a manifestação do pensamento, da consciência, da intuição, ou as expressões de uma consciente e pessoal atividade do espírito que demonstre o desenvolvimento daqueles centros.

Durante o sono, quando o espírito, embora aderente ao teu corpo, tende a vagar nas esferas extracorpóreas, fica privado de pensamento, de sentimento, de sensibilidade, de conhecimento.

Não é suficiente uma consideração deste gênero para demonstrar que a ação dos pequenos sóis atômicos depende da influência do espírito?

Comprova-o outro fato: na agonia, quando a alma está para separar-se do corpo, o homem perde o conhecimento, porque cessa a atividade da força radiante que age na base da espinha dorsal; o espírito, na sua tendência para novas esferas, já abandonou, em parte, a sua ação animadora sobre o corpo. Isto ocorre, também, nos transpasses repentinos, mas aí, durando poucos minutos a luta entre a vida e a morte, se apresenta mais difícil constatar a antecedente perda dos sentidos; mas nem por isso ela deixa de verificar-se. No

nascimento, que é regulado por leis bem precisas, inerentes ao natural desenvolvimento das sensibilidades individuais, repete-se, analogamente, mas em sentido inverso, o fenômeno do destacamento final do espírito do corpo. Aqui, porém, não há mais tempos determinados: o caso individual decide e opera.

Nascimento, sono e morte são, portanto, os três aspectos da vicissitude humana, partindo dos quais é possível conduzir uma investigação para a compreensão do processo das forças anímicas que governam a sensibilidade física e a psíquica do homem. Trata-se, de fato, de três aspectos mediante os quais, mesmo para o homem normal, mesmo para o materialista, o mistério da transcendência aflora na vida real.

Vimos a relação intercendente entre espírito e sentidos: vejamos agora em que relação estão essas sensibilidades espirituais com a vida ordinária do indivíduo.

Já disse como, no seu conjunto, essas glândulas astrais devem equilibrar-se; mas, em determinados casos, há algumas faculdades que, nas manifestações, procuram subjugar as demais, na sua tarefa de estabilizadoras.

Se um sentimento de ódio ou de rancor agita a alma de um homem, de forma a que a consciência não consegue dominá-lo, ele pode ser impelido a ações inconsideradas e muitas vezes a delitos que quase sempre são realizados em um estado de inconsciência, sob o domínio total da ira. Essas explosões, todavia, não podem durar muito; elas não se verificam sem que o equilíbrio normal se restabeleça na alma, e então, voltando o controle da consciência e o espírito autocrítico, sobrevém o arrependimento; salvo nos casos em que, por um desmoronamento completo do equilíbrio interno, tais crises não se resolvam em traumas psíquicos e em estados obsessivos que podem conduzir até a loucura.

O mesmo ocorre para todos os outros sentidos espirituais; a atividade que falta em um centro determina no indivíduo uma deficiência que, em cada caso, se espelha bem clara na sua atividade, em uma evidente forma de descompensação, devido à menor atuação de uma funcionalidade orgânica que faz sentir a sua ação deletéria mais ou menos acentuada em todo o corpo.

Esses sentidos estão entre aqueles ligados pela grande força que se chama **vontade**; ela, pura expressão da atividade do espírito,

pode impor o seu domínio sobre toda a estrutura psicológica do homem.

Existem, porém, indivíduos e são a maioria que, tendo insuficiente essa força, são sujeitos a desequilíbrios espirituais e, por conseqüência, a danos morais, materiais, intelectuais. A vontade pode ser chamada de, o foco central do espírito, porque afirma a dignidade e traduz em atualidade a potência do **eu** super-consciente, e também porque todas as faculdades que dependem dos centros de força vão ter a ela, da mesma forma que os sentidos materiais são ligados à massa cerebral, que é órgão volitivo dela.

Nesse caso, entram em campo as células corticais, que desenvolvem, em direta associação com o cérebro, as faculdades da vista, do ouvido, do tato, etc.

Não experimentais, Meu filho, o sentido da perfeição e da grandeza, pensando no laço que une cada parte de tudo o que existe, e refletindo em que, por minúscula que ele seja, também coopera no organismo infinito das multiformes manifestações da Criação?

Nenhuma vibração é supérflua, mesmo as mais tênues: na harmonia do todo cada vibração se mostra necessária, tanto no infinitesimal quanto no infinito.

A vida é necessária à respiração, a alma às sensações, aos astros o movimento, e assim por diante.

Tudo está ligado por uma irresistível e uníssona força, que demonstra, cada vez mais, a Potência e a Imensidade de Deus.

A MEDIUNIDADE

Falemos agora no sexto sentido espiritual. Ao contrário do que comumente se julga, todos os seres são dotados daquela sensibilidade profunda e imediata, que é ao mesmo tempo, força fluídica e virtude de clarividência, capacidade de contacto com o mundo supersensível e possibilidade de trazer, deste, fenômenos visíveis e perceptíveis pelos outros, e que se chama **mediunidade**.

Na maioria dos homens, contudo, esta sensibilidade existe em estado latente ou potencial, de modo a não ser controlável através de manifestações concretas.

Não obstante isso, o fenômeno da mediunidade é igualmente identificável mediante um método que, como o da psicanálise, chega a sondar o plano pré-pessoal. No estado de latência ou de potencialidade, ele pode ser comparado a uma corrente de fraca intensidade que, embora existindo, não consegue determinar fenômenos bem precisos, para os quais, ao contrário, é necessária uma corrente múltipla.

Não se diz, porém, que se um indivíduo nasce com uma dada possibilidade mediúnica, esta se deva conservar igual até a sua morte, sem diminuir ou aumentar; às vezes, mesmo nos que a possuem com acentuada evidência, ela pode sofrer alterações.

Há, mais, entretanto: a maioria das criaturas humanas tem a revelação psicológica desse sentido, subitamente, em um dado período da vida, sofrendo uma insólita impressão, uma sensação fisiologicamente anormal, ou experimentando um fato de pura índole anímica.

Nem isso deve maravilhar: todos os homens, muitas vezes, tem podido verificar como uma súbita emoção influiu, e às vezes de modo notável, na menor ou maior acuidade de um sentido físico; sabem, de resto, como acontece, às vezes, que uma momentânea impressão fez perder um sentido ou fez adquirir um que faltava. Naturalmente, este último é um caso mais único do que raro, mas isso é, não obstante, motivado pela mesma lei da correlação entre os sentidos e a mediunidade.

O despertar dos **centros** pode ser acompanhado de fenômenos vagos e estranhos; por exemplo, no caso do centro etérico do **Ajmâ**, percebem confusamente, a princípio, paisagens e nuvens coloridas. Por isso os homens, o mais das vezes, são levados a considerar esses fenômenos fruto da fantasia, ilusões óticas, casos de histerismo quando, na verdade, são sintomas de evolução do corpo anímico e, antes que da medicina ou da psicopatologia, devem ser objeto de estudo interior por parte dos próprios pacientes, porquanto entram no campo da fenomenologia transcendente.

A realidade das experiências mediúnicas implica na presença no espaço, de unidades intelectuais, faculdades intelectivas, organizadoras, desconhecidas do homem, mas que são aptas a se comunicar com ele, através da personalidade que traz consigo a capacidade mediadora entre mundo visível e mundo invisível.

Ela, tendo muito acentuado o sentido da receptividade anímica, pode captar as ondas fluídicas espirituais de vontade da vida do Além, sofrendo a sua influência e ficando por ela dominada, completamente ou em parte.

Mas aqui, para se poder esclarecer de modo explícito esse problema extra normal é necessário referir-se à função dos **chackram**, porque deles depende não só a maior ou menor tendência que um indivíduo pode apresentar para os fenômenos mediúnicos de qualquer natureza, mas também a qualidade deles. Veremos, assim, como em correlação com esses centros de força se manifesta o fenômeno da mediunidade.

O homem, em relação ao desenvolvimento dos seus centros elétricos, que cada um indistintamente possui mesmo em atividade mínima, pode apresentar valor positivo, negativo ou de ambos os sinais. Existe o primeiro quando no indivíduo estão desenvolvidos o centro frontal, o centro da garganta, o centro cardíaco, o centro esplênico; o segundo quando, ao contrário, predomina a influência dos seguintes chackras: centro do cérebro, centro da garganta, centro cardíaco, centro esplênico.

Resta, enfim, o caso em que existem na pessoa os dois valores, entre si opostos, mas complementares; para que isso se verifique, devem estar desenvolvidos: o centro do cérebro, o centro frontal, o centro da garganta, o centro cardíaco, o centro esplênico e o centro umbilical ou plexo solar.

Vejam, agora, a que conclusão pode levar esse diverso valor individual do duplo etérico em relação à mediunidade.

É necessário, para esse fim, ter presente que a entidade influenciadora, de vez que é mero espírito, não pode ter senão um valor positivo.

Disto deriva que o contacto astral não poderá verificar-se por meio de um indivíduo que tenha, em relação ao desenvolvimento dos seus **chackras**, um valor igual ao da entidade agente porque, sendo ambas as forças influenciadoras e influência — de igual sinal, elas tendem a se repelir ou, o que é o mesmo, o médium não é atraído pela entidade espiritual nem tem a capacidade de atraí-la, e constitui assim um verdadeiro e próprio obstáculo à possível manifestação de fenômenos mediúnicos.

Acontece, nem mais nem menos, o que é comum nos fenômenos magnéticos em obediência a lei pela qual o polo positivo de um ímã tende sempre a repelir o pólo homônimo de outro magneto e, ao contrário, atrair o heterônimo. Mudam os aspectos e os campos de atuação dos fenômenos, mas as leis permanecem, em sua essência, as mesmas.

No segundo caso, ao contrário, apresentando o indivíduo que deve servir de médium um valor negativo, as duas forças influenciadora e influenciada, porque são de sinal oposto, sofrem infalivelmente uma atração recíproca. Verifica-se, então, aquela série de fenômenos que são denominados de **espiritismo**.

Não podendo normalmente exercer um crivo discriminativo das entidades influenciadoras que o médium atrai a si, o espiritismo se manifesta sob variadíssimas formas e múltiplos aspectos que se podem tornar benfazejos ou danosos, significativos ou insignificantes sob o ponto de vista racional e científico.

Por meio desses indivíduos que, todo o desenvolvimento dos respectivos **chackram**, apresentam uma corrente anímica de valor negativo, se realizam todas aquelas experiências que são observadas atentamente na fenomenologia da ciência meta-psíquica: movimento de corpos pesados, casos de tiptologia, mudança de peso em determinados corpos, levantamento sem visível movente de cadeiras e de mesas, levitações, aparições luminosas, escritas diretas ou indiretas, aparições de fantasmas.

Este é o conjunto dos fenômenos que desde a antiguidade pré-cristã e judaica se desenvolvia em redor da potência de centros místicos e sacerdotais: a técnica do conhecimento do mundo extra normal e supernormal fazia parte de uma ciência secreta porque exigia uma dignidade interior de poucos (iniciados), agia através do rito e se transmitia pela tradição. O poder temporal, político, real, era, por isso, estreitamente vinculado ao poder sacerdotal que lhe transmitia a luz dos mundos espirituais e a possibilidade de manter firme o domínio nas bases da sabedoria e da justiça.

Como se vê, tratava-se de um conhecimento que estava além da simples fenomenologia mediúnica, a qual, entretanto, constituía um apoio e um ponto de partida.

Muito tem a Humanidade discutido e tergiversado sobre espiritismo; mas já, com o controle de fatos múltiplos e indiscutíveis, a própria ciência oficial teve de admitir a ação de algumas irradiações neuro magnéticas, a qual, por outro lado, permanece uma força misteriosa, não só na sua essência, mas também no seu modo de proceder.

Com fundamento no que acima disse a respeito da atração dos dois seres influenciador e influenciado é evidente que o fenômeno do espiritismo não é devido à ação de casos fortuitos, mas a uma força de atração magnética, que se manifesta nos homens nos quais o exclusivo desenvolvimento de determinados chackras (e mais precisamente os do cérebro, da garganta, do coração, do baço) confere ao médium uma carga de atração negativa, a qual, sozinha, não pode colocá-lo em grau de acolher a influência das entidades imateriais, como manifestação de energias espirituais bem mais complexas e bem mais elevadas, fazendo parte de todas as hierarquias.

Resta tratar do último caso: aquele em que a pessoa mediúnica traz em si valores anímicos de ambos os sinais. Então o próprio fato de que no indivíduo os desenvolvimentos dos centros de força tendem a equilibrar os dois valores é suficiente para fazer compreender que, em tal caso, o médium dispõe de uma possibilidade muito menos de atrair ou de ser, por seu turno atraído por essências espirituais.

Disso resulta como conseqüência lógica, que se semelhante indivíduo consegue ter contacto com uma entidade, esta não pode pertencer senão a uma categoria superior àquela das entidades que dão margem aos diversos e comuns fenômenos espíritas.

Tal experiência deixa de fazer parte do campo do espiritismo para entrar naquele que se convencionou dar o nome de **ultrafania**, onde o experimentador pode ser chamado ultrafano: as emanções desta sua faculdade são diretamente proporcionais à evolução.

Representando um trâmite etérico entre a unidade intelectual e o homem, ele perde todas as suas faculdades caindo em **transe**, estado que persiste pela duração do fenômeno, dando lugar a um dos estados psíquicos extra-normais que representam ainda enigmas para a ciência oficial.

Esse sono dura por todo o tempo em que o intermediário é submetido à influência positiva, e através do despertar se podem observar bem nitidamente as três fases que ligam o ultra-fano ao estado normal de consciência e a posse das próprias faculdades: num primeiro momento, ele se abandona a si mesmo, como se devesse cair em um segundo sono, manifestando com esse ato o fim de cada dominação magnética; assim, o sono mediúnico se converte em um estado de torpor, para permitir por último, a plena retomada de todas as faculdades.

São três estados diversos, através dos quais o espírito humano volta ao conhecimento, e que se sucedem no espaço de poucos segundos dando a nítida e inconfundível sensação da presença e da ação de forças de natureza ultra-mundana, cuja influência e atuação, manifestando-se de maneira clara e evidente, não podem deixar de remover o ceticismo, senão em seres de limitada atividade cerebral.

É nesse estado de sono do ultrafano que o espírito, chamado ou ido espontaneamente, executa, escreve, realizações absolutamente estranhas à vontade do influenciado que toma nova voz, assume nova expressão e manifesta novos sentimentos. Sendo o corpo dominado por uma entidade superior, as manifestações podem ser grandiosas ou majestosas e dominar e influenciar os que o circundam, irradiando para eles força e vontade com a palavra e o pensamento.

A mediunidade é, nesse caso, a força da qual os desencarnados se servem para se corresponder com os homens e é, ao mesmo tempo, a fresta através da qual eles podem entrever a luz que parte do alto da consciência, onde está a verdade da sabedoria, a harmonia das concepções e a essência do mistério superior.

Por tal caminho Eu chego a ti, Meu filho, e inspiro às mentes vislumbres de luz e de ciência, fazendo com que se possa comunicar a elas a Minha força e, com estas a Minha idéia, para conduzir o homem das trevas da escuridão, através do resplendor dos mistérios resolvidos à luz da Verdade. Com palavras de sabedoria de orientação, despertei os corações e abri as mentes; mediante o fenômeno da ultrafania pude, com este livro, iluminar o homem e dar-lhe a orientação para que se coloque na estrada reta e avance para uma meta próxima e sublime.

Dada a própria essência dessa forma elevada de fenômeno mediúnico não deve, assim, maravilhar que princípios e verdades superiores possam ser enunciados pelo ultrafano quando mesmo a sua cultura seja muito inferior à possibilidade da concepção daqueles. Tais princípios e verdades podem ser revelados, graças ao estado de superior percepção, quer pelos lábios de um Profeta ou de um Mestre, como pelos de um perfeito ignorante ou de uma criança que, tendo pelo desenvolvimento dos seus **chackram** um valor positivo e negativo, se encontre sob a influência de uma eleita essência espiritual.

Levando em consideração o que até aqui disse sobre mediunidade, não debes nela discernir o mistério, mas convencer-te que podes entrever a força oculta do teu próprio **eu**, a qual se manifesta a ti através do corpo daquele que é influenciado. Não debes considerar tais práticas e fenômenos como inconcludentes ou nocivos quando devido a baixas entidades: analisa e, julgando, verificarás que quando elas surgem como ultrafania se tornam o maravilhoso meio de comunicação entre o mundo do espírito e o da matéria. Nesse caso, através da voz que te fala e dos que te investigam, sabe entrever a centelha eleita que veio para te dar o raio de luz e o alívio do conforto.

O Bem e o Mal não dependem, pois, do fenômeno mediúnico em si mesmo, mas do magnetismo do influenciado e, por isso, da obra dos influenciadores; na tua vida também se encontra o bom

como o mau, o justo como o injusto. Todos têm a mesma respiração, todos são homens, igualmente.

Para resumir o que foi dito sobre o fenômeno da mediunidade, podemos apresentar o quadro seguinte:

| VALOR DA ENTIDADE INFLUENCIADORA | VALOR DO INDIVÍDUO INFLUENCIADO | FENÔMENO MEDIÚNICO | DESENVOLVIMENTO DOS "CENTROS DE FORÇA" QUE DETERMINAM O VALOR DO INFLUENCIADO |
|----------------------------------|---------------------------------|-----------------------|---|
| + | + | <i>REFRATARIEDADE</i> | <u>Centros:</u> frontal, da garganta, cardíaco, esplênico. |
| + | — | <i>ESPIRITISMO</i> | <u>Centros:</u> do cérebro, da garganta, cardíaco, esplênico. |
| + | ± | ULTRAFANIA | <u>Centros:</u> do cérebro, frontal, da garganta, cardíaco, esplênico, plexo solar. |

Se depois se desenvolvem, em um determinado indivíduo, todos os sete **chackram**, ocorre então o fenômeno da **clarividência**.

Eu te exorto, contudo, a andar cautelosamente e a não crer sem primeiro haver constatado. Quanto maior e mais profundo é o mistério que tu queres sondar, tanto mais cautelosamente deves proceder nesse campo de experiência confiando-te aqueles que efetivamente sabem.

Não quero dizer com isso que eles terão o poder de colocar-te em grau de poder penetrar e conquistar a profundidade do fenômeno, mas te ajudarão a compreendê-lo no sentido justo e sem que corras o risco de ter desagradáveis conseqüências.

Seria mais perigoso que útil para um aeronauta a navegar nos céus em busca de uma terra longínqua se a precisão da sua rota não fosse deduzida pela infabilidade de uma agulha magnética.

Em cada atividade humana ocorrem conhecimento e experiência; essas realidades são, com maior razão, indispensáveis no campo dos fenômenos super-humanos, acerca dos quais a investigação simplesmente racionalista dos teus estudos resulta impotente e as possibilidades da lógica conceitual insuficientes.

Nem sempre o controle de fenômenos mediúnicos é fácil, porque freqüentemente é dificultado pelas próprias entidades e, muitas vezes, pela prepotência de sedizentes médiuns que encenam habilmente sessões com cadeia, nos quais, enquanto os convidados pagam ao mistificador o preço da sua ingenuidade, o cético, que consegue a esse propósito e para andar menoscabando o significado de tais experiências.

São essas duas razões que ajudam a manter rígido o véu arcano que existe entre o homem e o espírito, porque, com a freqüência de semelhante mistificação que explora o lado fraco, de fantasia e de fanatismo de muitos crédulos, a verdade acaba por obscurecer-se cada vez mais e, para grande parte do público, se torna difícil o sentido de distinção entre o falso e o verdadeiro.

Todavia, uma não falaz medida do estado psíquico do sujeito mediúnico pode ser dada pela enunciação de verdades, pela justeza de profecias, pela potência expressiva que indica a elevação do espírito através da coerência dos conceitos.

Por outro lado, ela também pode ser analiticamente demonstrada mediante o exame neuropsíquico ou clínico comprovando a cessação de atividades fisiológicas e orgânicas na incorporação, tais como parada ou diminuição momentânea do pulso e do coração até retomada da função normal ao cessar da manifestação, ou perda de energia ou aumento de pressão e de peso, durante e depois do fenômeno.

Mais do que outro, porém, a análise pode ser feita não somente na verificação do fato em si mesmo, mas, sobretudo do sentido discriminatório da tua crítica pessoal e através dos sentimentos e das vibrações que atingem o crivo da tua consciência.

Sobretudo a verdade, quando é realmente tal, é imediatamente percebida por todos os que, com seriedade e com firme entendimento, a procuram, se realmente se manifesta por meio daquela determinada entidade ou daquela pessoa. Se for luz, seja ela de pavio, de vela, ou de archote, é sempre luz.

Em sintonia com as profundas forças da mediunidade devo falar-te também de outra harmonia anímica que inspira e agita o homem pela criação e o compensa das faltas. Ninguém pode escapar a esse sentimento que, necessariamente, deve viver e subsistir na alma de cada ser individual: o **Amor**.

O AMOR

Se devesse definir o verdadeiro significado da palavra **amor** com um simples qualificativo, a Minha tarefa seria fácil. Como, porém, nos demais capítulos refiro-me a outros temas fundamentais para o gênero humano, pretendo agora ilustrar o sentido intrínseco desse conceito, dessa palavra que milhões e milhões de pessoas pronunciam freqüentemente sem compreender sequer o seu verdadeiro significado lógico e ideal.

Antes, porém, de iniciar a explicação do amor na sua verdadeira essência e antes de expor o que sejam e como atuam aquelas forças, para o homem misteriosas, que levam dois indivíduos de sexo diverso a se aproximar, a amar-se, a unir-se e a gerar, é necessário que Eu anteponha uma nítida distinção entre o verdadeiro amor e aqueles sentimentos de afeto que comum e impropriamente se fazem enquadrar na categoria do primeiro.

Na mãe que, curvada sobre o berço do próprio filhinho, se alegra pelo seu sorriso ou lhe vela, ansiosa, o sono, no amplexo que liga estes dois seres e que diz quão nobre e profundo é esse sentimento humano, não deves reconhecer uma vibração sonora da grande corda que se chama amor, mas um afeto vivo que une entre si os dois seres e torna capaz a genitora de todos aqueles sacrifícios e fadigas que fizeram da sua figura estóica um dos símbolos mais caros ao coração humano.

E o homem, cômico da grande missão que a natureza lhe confiou, reconhecendo que no nome de **mãe** a Humanidade se renova continuamente ao sopro vivificador das crescentes gerações, sublimou esse anjo tutelar, erguendo-lhe, em todos os tempos, o monumento da admiração e do reconhecimento, que a eleva acima de todas as demais criaturas.

Como se vê, pois, é uma tradição de afeto identificada no profundo do ser a que se perpetua e aperfeiçoa de época em época através da maternidade e da consangüinidade; mas não se trata senão de afeto.

Na mesma categoria do amor da mãe se deve compreender o do pai e, como compensação deste, o afeto filial, alegria da casa e força coesiva da família.

Mas a cadeia dessa força afetiva não se detém: transcendendo o âmbito familiar, ela ganha em extensão, embora perdendo em intensidade; espalha-se nos vários vínculos de parentela até extinguir-se totalmente, se bem que não deva exaurir-se. Reunião ideal dos amores já apresentados e o impropriamente chamado Amor Cristão, ou a Fraternidade Universal que deveria, com a sua força espiritual, trazer unidos todos os homens entre si.

Além desses sentimentos existem outras espécies de amor, próprias do plano espiritual, mas são chamadas pelo nome de amor unicamente em sentido figurado, porque não refletem a afeição devida a descendência de aparentados, mas apenas vocações inatas no homem para a arte, a justiça, a fama, a luz do verdadeiro que dão lugar aos comumente denominados: amor do Belo, amor do Justo, amor da Glória, amor da Verdade.

Existem, também, o amor místico e o amor Divino: o primeiro leva o homem, através do mistério da contemplação, a adorar o seu Deus; o segundo, fala da predileção do Criador pela sua criatura. Um é o **eu** próprio que tende para o **Eu** Tudo; o outro, o **Eu** Tudo que tende para o **eu** uno.

Depois disso podemos passar ao amor propriamente dito, aquele que, com a sua inexplicável, irresistível essência plástica demonstra a presença de virtudes ocultas, inesgotáveis nos séculos.

Amor, rei dos sentimentos que exalta o ser humano, mola helicoidal que atrai e liga dois seres fisiologicamente contrários, unindo-os para uma procriação moral e material, impulso incessante da metamorfose universal do espírito. Conforme é considerado e personificado, mercê da elevação da alma de quem percebe, ele pode atingir as mais altas concepções do mundo ideal ou degradar-se no mais baixo fundo, de onde sai deturpado, recoberto da lama de uma podridão imunda, despojado de quanto de nobre, harmonioso, e suave possuía. Amor, poesia que encadeia e prende, semelhante a melodiosa musica vibrando ao toque das cordas rítmicas de uma harpa angélica, ele tem a força de transmutar em poesia o teu pensamento, em desejo a tua dor, em esperança a tua paixão.

Nesse caso não se trata de um afeto, mas de verdadeiro e profundo amor: não é o sentimento materno, não é o afeto da consangüinidade, mas a força irresistível que une dois seres.

Ao amor, tornado no seu verdadeiro significado, Eu quis contrapor o sentimento materno porque ele vence e domina todos os outros afetos. Analisamos, no entanto, na sua realidade um e outro e penetrando o enigma que ambos, a um exame superficial, poderão ocultar, demonstraremos como o primeiro, do ponto de vista metafísico, tem uma nítida preponderância sobre o segundo.

A mãe ama sempre o seu filho quaisquer que sejam os caracteres somáticos deste, qualquer que seja a alma encerrada naquele pequeno corpo, que forma o seu ídolo. Em um sorriso inconsciente, em um gesto infantil, sabe encontrar sempre um motivo de afeto, uma nova luz, ou razão para alimentar aquela chama que arde no seu coração, independentemente da individualidade daquele ser que embala ou acaricia. Isso demonstra, de maneira evidente, como o caráter próprio do amor materno é um sentimento identificado à maternidade mesma, o qual partindo do íntimo vínculo de sangue existente faz dizer à genitora: este é o meu filho.

O amor, ao contrário, é a tendência que tem uma alma a unir-se com outra alma para alcançar, com a união, a felicidade recíproca.

Ele é, portanto, uma força Divina superior à matéria mesma, força que não deriva nem de vínculos de sangue, nem, como no afeto materno, de um instinto atávico que se desperta automaticamente na mulher no ato da procriação, mas é ainda mais forte e mais livre porque chega a suscitar um poderoso estado afetivo entre dois seres que até há pouco tempo não só se ignoravam reciprocamente como nem lhes passava pela mente a possibilidade de encontrar-se.

Eis então que por esse amor super-material pode, às vezes, acontecer que o maior e o mais eleito dos homens se enamorem de uma jovem em mísera condição social, mesmo se a não favoreçam nem uma beleza especial, nem dotes superiores: isso não tem nenhuma influência quando atua o misterioso motivo de harmonia, ponto ideal do encontro, **quid** que arrasta cada vez mais até assumir tal intensidade que seria loucura subtrair-se a ele.

Já os Latinos, querendo emprestar aspecto humano a essa força oculta, criaram, com a sua concepção mitológica, o pequeno Cupido, filho de Marte e de Vênus, ou de Vênus e Vulcão, conforme

as tradições. Ele, segundo a lenda, divertia-se em ferir os corações dos mortais e, cada vez que o dardo fatal atingia o alvo, um novo amor floria e ligava a vida de duas criaturas.

Mas, em substância, que é o Amor, qual a secreta essência da sua força?

Digamos agora que atrás de cada sua expressão se deve reconhecer um impulso profundo que impele o homem à busca do próprio complemento espiritual para a reconstituição do binômio original: é a instintiva arte mágica de dois seres que tendem a se reunir, a apoteose de duas almas que se desejam reciprocamente, ansiando para tornar-se uma só vida no absoluto da perfeição, o primeiro clarão de tal realidade podes recolhê-lo, Meu filho, em uma lenda antiga. Conta esta que, um dia, indo Hermafrodita por acaso banhar-se nas águas da ninfa Salmatida, esta, vendo-o, enamorou-se dele. Solicitado a permanecer com ela, o filho de Mercúrio tentou afastar-se, mas a ninfa o previou e apertando-o num abraço o obrigou a ficar; depois, ela mesma, suplicando aos Deuses, obteve que estes os fundissem em um único corpo. A lenda, porém, não termina aqui. Tendo Hermafrodita adquirido demasiado orgulho e havendo sido acusado de arrogância diante dos Deuses, estes, como antes tinham favorecido a união dos corpos, foram de acordo em separá-los, desde que a unidade andrógina se desdobrasse dando lugar a sexos diversos. Desde aquele dia os dois seres ansiaram sempre por se reencontrar e por voltar a se unir irresistivelmente.

Como vês, a mitologia, embora sob uma forma primitiva e simbólica, pode velar significados de grande realidade.

Essa lenda devia apresentar o seu sentido mais profundo para o filósofo grego Platão, o qual, sob o aspecto mítico, soube intuir uma viva realidade concebendo a origem binomial do homem. Ele estava convicto da divisão das almas em duas metades, as quais vivem respectivamente no corpo de um homem e no de uma mulher, impelindo um e outro a procurar-se ansiosamente por toda a existência até que se encontrem e se reúnam na unidade originária que será a autêntica perfeição.

Amor é poesia; é verdadeira, nobre compreensão dos mais elevados sentimentos da própria alma.

Como tal, porém, não se manifesta, infelizmente, com freqüência nos comuns aspectos e casos da vida de um binômio humano: muitas vezes, ele perde a sua coroa real porque, deturpando-se a **forma** espiritual, deturpa-se também o poema inconfundível. Assim, acontece que mesmo quando ele é exaltado sob forma poética, deriva em substância de uma imposição profunda e orgânica da sensualidade insatisfeita; e precisamente todo o contrário daquilo que a poesia descreve e exalta.

Então o que a princípio, parecia haver dado ao espírito a feliz sensação do encontro da alma gêmea, transmuta-se em desilusão.

Esse é o caso em que a união entre dois seres de sexos diversos não é devida ao irresistível apelo de um amor derivante do encontro harmônico das duas almas, das quais uma seja o complemento da outra, mas motivada por impulsos de sensualidade provocados por uma aparência exterior ou, talvez ainda pior, por interesse. Se essas são razões ou requisitos que podem conciliar uma união momentânea, não podem eles resistir à prova a que o tempo submete os dois seres que assim se uniram pela vida: aquelas duas almas que não se reconhecerão nunca como gêmeas não poderão por muito tempo estar de acordo e a nova vida conjugal assim estabelecida resultará não somente desditosa, mas absolutamente insuportável. E o contraste, a princípio tênue, far-se-á cada vez mais estridente; cada hora que passar será motivo de novas disputas e de novos ódios. Em pouco, a união degenerará em uma vida infeliz, e não se apresentarão senão dois caminhos: ou resignar-se por toda a existência àquele incessante contraste, ou separar-se.

Falo do matrimônio no qual muitas vezes o amor condenado às mesmas quedas degradantes se o objetivo não é um afeto ideal, vale dizer um sentimento desinteressado, super-material. Nesse último caso, ao contrário, ele não deve temer nada do tempo, porque se dirige a uma parte do ser humano sobre o qual o passar dos anos não pode exercer influência alguma.

De outro modo, a união das famílias estaria comprometida, criando grandes tragédias, que os seres internamente vacilantes não conseguiriam superar.

Bem-aventurados os que tendo compreendido o significado essencial da experiência do amor e estando compenetrados do seu valor supra-terreno, puderam completar esta sua realidade

espiritual com a realidade dos fatos, encontrando no matrimônio, síntese do binômio bilateral, órgão essencial e criador desse sentimento, a comunhão de cada ideal superior, de cada lembrança, de cada aspiração, de forma a que a tradição interior de um seja tradição do outro.

E muito difícil, porém, um encontro e a união das almas gêmeas na matéria. Mas, quando esta se realiza, o amor assume proporções gigantescas atingindo no espírito e na ação tal perfeição que torna absolutamente felizes as duas criaturas que se encontraram e prontas para lutar pelo seu afeto contra todos e contra tudo, tenazmente ligadas por vínculos supersensíveis.

Nem sempre, porém é possível a dois seres eleitos espiritualmente afins, reunir-se integralmente no próprio binômio: esta união pode dar a felicidade como sensação espontânea e imediata, modificando depois a comunhão das idéias. A vida comum, vivida sob esse aspecto, e compensada de cada sofrimento que traz, mesmo se, às vezes, o pranto orvalha de lágrimas os olhos.

De fato, se o grau diverso de cultura ou o modo oposto de discernir a pretensa verdade podem ser razão de oposição e de discordância, fica perene, sob essa aparente discórdia, a união das almas, aquele impulso que é superior a tudo e que, passado o instante da divergência, torna a ser uma pedra de toque segura, o ponto de apoio para uma realidade superior acrescentando uma nova razão de vínculo aos ligames que já mantém unidas, entre si, as duas almas.

Sob tal aspecto, aquele pranto não será a conseqüência de um arrependimento, de uma união comprometida, mas conforto a um desespero momentâneo.

Não fuja, por isso, Meu filho, das atrações do Criado que contribuem para a formação da matéria, mas sabe reconhecer acima da perturbação passageira e das lágrimas, uma união indivisível, tornada mais forte e mais sagrada por aquele pranto.

Por outro lado, insistir na dúvida é como querer renunciar ao amor contraído graças a uma construtiva vontade impessoal e, fazendo predominar sobre o espírito uma felicidade material, e também não realizada completamente, é como degradar-se num amor egoísta.

Existe, além disso, o amor que se concretiza na união comum, mas sem rasgos de dedicação recíproca, mesmo se inicialmente tenha se verificado um impulso inconsciente para amar-se. Este amor suscita o encontro dos dois seres unicamente através do pensamento e das vibrações do ser material, onde encontra o seu coroamento em uma união privada de qualquer luz espiritual. Neste caso, cada um pensará somente em realizar o próprio bem estar, adaptando-se à vida conjugal, objetivando apenas a afirmação da própria individualidade.

Nesse caminho o único resultado positivo é a criação com a qual se dão novas formas à matéria e novas tarefas ao espírito.

Pode, às vezes, ocorrer encontrar-se o complemento do próprio binômio em um ser já ligado, pela vida, a outro. Então, é errôneo favorecer com um complemento externo aquela força misteriosa que tende a uni-los.

É verdade que o amor é um ato espontâneo da alma e dos sentidos, cuja extensão criadora nos planos superiores varia conforme é concebido espiritual ou materialmente.

Mas, é também verdade que a sua ação assume valor na medida do bem ou do mal que ele provoca porque na sua altura criativa ele se encontra em si e por si acima de qualquer moral. Antes de humanizar-se, portanto, não é nem nobre nem vergonhoso: é, unicamente, uma força em estado puro, incondicionado. A sua qualificação nobre ou torpe se determina ao tomar a estrada em cima ou em baixo na união humana, no mundo da manifestação.

Se os sentidos operam através do mistério da terra, a pureza interior age em virtude do espírito.

Enquanto, porém, os sentidos degradam o homem imergindo-o na lama de todas as paixões, a pureza interior o eleva às mais nobres considerações e às mais altas construções ideais, preserva uma conversão do íntegro amor espiritual em realidade sensível, sublimando e elevando à mesma altura o conceito do dever mesmo se este se refira ao direito adquirido por um ser indigno.

Na realidade é tremendamente difícil subtrair-se, fugir, aos impulsos sensuais provocados pelo próprio instinto, pela própria humanidade! É necessário, porém, reagir a esses impulsos com todas as forças morais disponíveis para não ser atraídos pela voragem da qual será muito difícil livrar-se.

Nesta contínua, titânica luta é que se fortifica a alma, mesmo se, a princípio, se sinta indefesa.

O amor subdivide-se, ainda, em impessoal e egoístico: ambos têm, todavia, em comum, a tarefa da seleção. É uma força, uma lei que há milênios aproxima e une os seres conscientes e inconscientes no momento da fugaz comunhão material em uma poderosa atração das almas, tanto nas primeiras expressões espontâneas como na união definitiva.

É a manifestação de um sentimento do espírito que impele o homem à realização das forças anímicas na matéria, pela seleção cíclica e a purificação de si mesmo com a procura da elevação através do sopro do Infinito.

Este amor impessoal ou super-impessoal não deixa resíduos ou escórias, não queima os pés daqueles que saem do mar.

Ele é, portanto, o que, referindo-se potencialmente à reconstituição do binômio, provoca a atração recíproca das almas, a fim de que estas tendam, na sua essência, para uma felicidade imaterial e imperecedoura e, por isso mesmo, para a única e autêntica razão da sua união: esta, evidentemente pode com o casamento, dar a sensação, aos dois cônjuges, de haver alcançado a felicidade, cada vez que efetivamente se realize.

Então o amor das duas almas gêmeas que se reencontraram sublima e espiritualiza o ser com a integração dos dois complementos no binômio.

O outro amor, o egoístico, fulcro de todas as paixões, é a dor material que embrutece o espírito. É a doença da alma que é por ele torturada, e o tormento do corpo na dissipante ânsia espasmódica dos mais insanos desejos que, uma vez satisfeitos, deixam uma sede ainda maior, sede de alguma coisa que é impossível encontrar na matéria: a satisfação dos apetites não a liberta deles, mas reconduz ao estado de inferioridade no qual os desejos se manifestam com maior intensidade ainda. É o que de mais

miserável e abjeto pode levar consigo a palavra amor.

Um véu, representado pela loucura dos sentidos, ofusca e desvia as vibrações das suas almas ou, interpondo-se entre ambas, impede-as de poder vibrar em uníssono. É o estímulo material agindo sobre dois seres que, esquecidos das mais sagradas leis, embrutecidos pela loucura de uma hora de amor, privam do seu cetro o rei, o degradam, lançando-o no abismo da culpa.

Filósofos e poetas têm transposto o véu das complicações sentimentais, mas são atavios simplesmente dialéticos. Avizinha-te, ergue esse véu, e, ao invés da imagem sonhada, encontrarás Meu filho, um frio bolo da dissolução humana: o amor egoístico.

É como uma chama maléfica que arde e inflama, deixando, à sua passagem, o corpo abalado e corrompido; e, então, somente um banho de sentimentos puros e escolhidos pode conduzir de novo a tua alma à busca não estéril, mas positiva e consciente, do teu complemento andrógino na apoteose do Amor infinito, no sublime equilíbrio Divino.

E Divino pode-se dizer o amor que, purificado do pecado e do arrependimento experimentado na prova do sofrimento, atinge a uma alegria pura que não é, não se pode dizer humana.

Nessa alegria o círculo da vida parece encerrado. O homem que vagava incompleto percebe haver encontrado o seu complemento. A harmonia do círculo divino o enleva como a realização de um incrível milagre. A concluída harmonia do círculo faz-lhe sentir, no símbolo e na realidade, o sopro do Eterno.

AS ESTRADAS E OS GUIAS

O espírito, no realizar a missão que lhe foi designada por Deus, por quem foi criado para ter visão do conhecimento infinito, deve também percorrer estradas particulares, correspondentes aos modos da sua evolução.

As estradas são rumos das existências individuais, várias conforme as tradições dos indivíduos que se reúnem: estas são outras tantas etapas da viagem ao longo do grande caminho que é, segundo a tradição maior, a estrada real.

Por **estrada** se compreendem, portanto, aquelas fases da vida, materiais e espirituais, longas ou breves, através das quais o espírito passa para conhecer as gamas de todos os sentimentos e de todas as provas e atingir, assim, uma forma perfeita, da mesma maneira que o escultor, para extrair do mármore uma obra prima, deve proceder ao progressivo desbastamento e subsequente trabalho de acabamento e de polimento da matéria.

As estradas são infinitas, e assim como te conduziu ao estado atual de vida e de progresso, também poderão levar-te ainda mais alto.

As parábolas descritas pelo curso das centelhas energéticas passam através dos sete pontos seguintes, que representam os estados ou bióteses de:

- 1.º **arrependimento e correção;**
- 2.º **concepção, ou vinda;**
- 3.º **passagem à vida, ou vida;**
- 4.º **morte, ou destacamento da matéria;**
- 5.º **retorno ao estado de puro espírito;**
- 6.º **biótese, ou ascensão;**
- 7.º **obtenção.**

Ao longo dessa trajetória, cada um mantém o próprio livre arbítrio; porém, sob determinados aspectos, pode ser dominado por vontades superiores, permanecendo inalterada a lei do equilíbrio universal.

Isto pode, Meu filho, fazer-te compreender como cada espírito, na realidade, escolhe por si mesmo a estrada a percorrer, antes do seu renascimento, e seja premiado conforme os méritos do julgamento da Lei Divina durante o seu estado espiritual.

Esse processo de elevação dura um período incomensurável no espaço e no tempo universal (digo universais, porque Me refiro ao teu universo); bilhões de vidas se sucedem de gerações em gerações sem pausa e a cada indivíduo é designado uma entidade guia, que o segue passo a passo, e que é comumente chamado **Anjo do Guarda**.

O homem intuiu, em todos os tempos, a existência dessa essência tutelar; porém, geralmente, a concepção que até agora dele tem feito não correspondeu exatamente à sua realidade metafísica. De fato, quer o chamasse gênio, ou demônio, ou nune, ou anjo, ele foi representado em todos os tempos como uma força protetora destinada unicamente a auxiliar o homem com os seus meios sutis e com o seu conhecimento, apenas para uma maior aquisição de bens terrenos, tentando iluminá-lo e ensinar-lhe as estradas para uma melhor vida mortal.

Bem outra, ao contrário, e a realidade, pois que o Anjo do Guarda foi criado não expressamente para tornar agradável o caminho humano, mas para ser o princípio de todo o sofrimento terreno, a força do contraste, a oposição oculta, através dos quais somente se experimenta o verdadeiro viver porque vida é luta, e luta é possibilidade de alcance e de elevação.

Anjo do Guarda, mas não no sentido comumente lhe atribuído pelos homens. Isto é, de benévolo coadjutor de uma ascensão efêmera e material que os embale na doçura de um alcance mais ou menos elevado em uma transitória vida, mas como opositor, quer no bem como no mal, da vontade do espírito, para que este se tempere e se sublime em uma luta incerta e contínua, por um ideal não demasiadamente manifesto ao olhar do homem, ao que ele sente que a sua alma é conduzido. E a voz da consciência que adverte e não dá paz nas horas dos prazeres fictícios e fugazes.

Anjo da Guarda, ele é, na verdade, para os que sabem resistir às adversidades da vida, para os que querem reconhecer nas contrariedades um desafio de Satã à salvação do espírito. E por isso afrontam os obstáculos e os superam para prosseguir depois, como

se nada houvesse suportado, com o corpo despedaçado, mas com a alma tornado ainda mais forte, ao longo do caminho que lhe reserve outros contrastes, desilusões, vitórias.

Certamente não é um benéfico gênio tutelar para os homens que se dobram às tênues ondas de vento, que recuam diante das primeiras nuvens que se apresentam diante deles, que acreditam, e talvez por toda a vida, nas suaves ilusões de uma quimera de repouso e de paz, fazendo, assim, que os seus corpos não conheçam a dor e a luta, identificando nestas últimas os terríveis fantasmas a evitar.

Eles ignoram que, enquanto, com a sua conduta, tentam escapar à ação saneadora do Anjo da Guarda, paira uma ameaça sobre suas cabeças: sempre após a tempestade vem a bonança, como depois do bom tempo sobrevém seguramente as nuvens ameaçadoras. E a rotação fecunda de prazeres e de dores: na realização humana das ações, o momento de dor se inicia no momento do prazer e o do prazer naquele da dor: um tira sentido e força do outro.

Daí Lao-Tse dizer: "**a infelicidade tem em redor de si a felicidade, e a felicidade tem em si, latente, a infelicidade. Quem pode encontrar a solução?**" Ao prazer fazem contraste a dor e o arrependimento, à luta a ascensão; isso sussurra ao teu ouvido o Anjo dizendo-te com a sua ação opositora: a vida não é senão um grito de luta; a tua alma é culpada diante de Deus: por isso eu te contrairo e te espicaço e, se queres salvar-te, deves enfrentar-me, e, enfrentando, vencerás.

O homem luta consigo mesmo, ou pelo menos acredita que seja assim; não sabe, porém, que nele existem duas vontades distintas, igualmente fortes, que podem se dominar, reciprocamente: uma, é o próprio **eu**; e outra, o **eu** guia.

Este último, desde a idade da razão, é colocado ao teu lado, e, mesmo contrariando, deve equilibrar a vida e as ações do ser influenciado com a sua vontade. Muitas vezes sucede a um indivíduo, que durante toda a existência foi íntegro e normal nos seus pensamentos e nas suas ações, em certo momento praticar atos de tal modo absurdos e reprováveis que quase levam a acreditar que ele seja impelido a fazer isso por uma força superior e estranha à sua vontade. Em muitos casos esses desvios da personalidade

degeneram-se na loucura: são esses os desvios espirituais das essências-guias, as quais se verificam quando a entidade presente deixa o **eu** próprio para se reencarnar.

As faltas praticadas em semelhante estado são consideradas nulas, ou quase, conforme a luta sustentada pelo espírito contra a vontade do guia. Ao contrário, um delinqüente pode se tornar um homem de bem por um caso análogo de desvio, mas, também, então, os méritos serão julgados com oportuno sentido de relatividade.

O valor da ascensão deve ser completamente proporcionado pela própria vontade espiritual que substancialmente a realize. Os méritos devem derivar de uma conquista da personalidade consciente e, no entanto ninguém pode influir sobre ti com as suas qualidades ou seus defeitos.

Mas te são contrapostos dotes e defeitos de outros para que, no choque, saibas conseguir o superamento, para que te temperes, passando por todos os sentimentos e todas as sensações, ou através do fluxo potente das águas que tentam te submergir.

Deves ser assim, vigilante e presente em cada instante da tua ascensão cite até à contemplação e perfeição, imitando os que te hajam precedido para servir de exemplo àqueles que te seguirão na estrada ideal construída pelos pensamentos e pelos sentimentos mais nobres e eleitos.

O **eu** próprio e o **eu** guia está em ti como duas vontades, ambas divergentes, e que, como força positiva e negativa, procurando predominar sobre a tua vida interior, provocando em ti uma áspera batalha, seja pelo amor e pela virtude, seja pelos ódios e pelos vícios.

É ainda o dualismo das forças que estão na base do contraste dos sentimentos humanos.

Na luta continua entre o Bem e o Mal vencerá na ascensão, lenta, mas segura, somente o Bem, ou seja, que tu mesmo, apesar das tuas imperfeições, profundamente queres porque, partindo do centro solar por vontade Divina, para ele deverás voltar como a pedra que, lançada para o alto, não ficará nunca suspensa no ar, mas virá inexoravelmente sobre a terra pela força de atração central, após haver percorrido uma trajetória mais ou menos longa.

A possibilidade de um resultado final e resolutiva da milenária luta entre o Bem e Mal, entre forças celestes e forças terrestres, deveria te fazer refletir sobre muitas das tuas ações, que te podem conduzir à vitória definitiva seguindo a parábola mais longa e mais tormentosa através das baixas paixões, os desejos da carne e embrutecimento dos sentimentos, lutando entre si.

Os efeitos da seleção espiritual podem fazer-te compreender quais desses são capazes de elevar. Os terrenos e os materiais são os opostos que combatem o indivíduo na luta penosa com a sua vontade, da qual surgirá a vitória ou o aniquilamento moral.

Tudo o que plasma a energia volitiva do espírito deve ser o baluarte necessário à construção do dique protetor contra o materialismo, e um deve servir de estímulo para elevar o outro. Se isso não ocorresse, demasiado fácil seria a ascensão, e a seleção da vontade não faria conhecer o mérito de cada um. Como se pode obter do grão apenas triturado a flor da farinha?

Diversas peneiras devem antes depurá-lo para obter aquele sutilíssimo pó, tão precioso. Também o espírito tem necessidade, para a sua elevação, de passar através dos estados materiais e espirituais: os primeiros, pela luta da elevação; os segundos, para poder rever lucidamente o próprio operado, assim como tornar-se a prová-lo e compreender, pelas insuficiências dele, os remédios necessários, concebendo a direção futura com o seu próprio livre arbítrio.

Que diversidade! O homem na luta da vida se preocupa para alcançar as falazes ilusões de uma posição estável. Para conseguir o seu objetivo descarta quaisquer leis superiores: a civil e a religiosa, a voz da consciência e o apelo da própria moral.

A Humanidade, para ele, é, na grande maioria dos casos, uma massa informe, sem alma, sobre a qual deve emergir não se importando se, para isso, sufoque os direitos dos outros e roube, de maneira imoral, os bens alheios. É o homem que, na loucura cega da supremacia e do lucro, não conhece senão o impulso da própria afirmação egoísta e nega aos outros o direito de viver.

Mas quando, terminada a vida terrena, a alma se encontra livre e volta a pensar no passado, quando revê os erros cometidos, e observa as sombras que a desfiguram, então, não só experimenta afetivo arrependimento, mas escolhe, por si mesma, o novo

caminho de expiação, descendo em um corpo que represente a contraparte física de um mal que vai curar, de uma culpa que vai redimir, ou seja em uma forma corpórea que obrigue o espírito a suprir as insuficiências da personalidade.

Tanto podem as Leis Superiores...

Se o homem, enquanto prepare o engano e a fraude para si mesmo, pudesse ao menos suspeitar isso, se soubesse que a condição em que ele se encontra e os sofrimentos que padece foram queridos pela sua própria alma e efetuados com o nascimento com a única finalidade de cancelar a marca das próprias culpas, de certo evitaria, com todas as forças, macular posteriormente a sua consciência já desfigurada.

Reconheceria a própria obra dissolutora como alguma coisa que nisso ele mesmo condenou e que é proibido pelas leis humanas e mais ainda por aquelas Superiores de Deus, mas que responde exatamente ao símbolo místico da serpente que tenta morder a própria alma Daquele que a criou. Então ele renunciaria, de súbito, ao seu hábito de prevaricação, confessaria a si mesmo a própria fraqueza e a própria culpa, para adquirir uma força nova, apta para impedir que o terrível ofídio, aproveitando da hesitação, ou, ainda pior, da condescendência, se aproxime, o envolva, o mate.

A vicissitude do homem é, portanto, a de quem, plenamente senhor da própria vontade, dos próprios pensamentos, vive, contudo, prisioneiro entre os muros de um cárcere: caminha, fala, pensa, escreve, lê, é inteiramente livre no seu interior, mas, se quisesse sair, não poderia de modo algum porque a porta está vigiada e a janela munida de barras. Todavia, se ele for sábio e cordato, a sua prisão será menos dura, os seus carcereiros mais indulgentes e a sua libertação menos distante; enquanto que se ele imprecar, se tentar rebelar-se e fugir ao rigor da justiça e a Força da lei, não fará senão agravar a própria pena e retardar a libertação.

Frequentemente o homem se indaga se todos os acontecimentos da sua vida, os diversos atos que executa, são devidos ao acaso ou a vontade de uma força superior: Deus. A sua mente, porém, não se eleva nunca acima da convencional dialética a fim de conceber que o seu próprio espírito pode haver forjado por ele o seu destino com características peculiares e, por isso mesmo, diferentes do de todos os outros; ele ignora que a meta

mais ou menos próxima, mas ou menos elevada, que deve atingir e uma possibilidade da sua própria potência volitiva e não de um destino instável, este existe, é certo: cada indivíduo o traz consigo apenas nasce, daí ter a mesma sorte de uma pedra que, arremessada por mão segura para um determinado alvo, não sabe contudo que trajetória realizará; mas não diz respeito às ações de cada um.

Em outras palavras: o destino é, para o homem, como uma longa estrada que ele deverá percorrer do princípio ao fim, quer seja acline ou declive, tortuosa ou reta, mas que o levará, inexoravelmente, cedo ou tarde, ao termo prefixado. Ao homem, porém, cabe a tarefa de saber caminhar naquela estrada, de andar direito ou de avançar tortuosamente, de percorrê-la por uma direção ou pela outra, na calçada ou na lama, de saber escolher criteriosamente com a própria consciência os pontos menos difíceis, mais secos ou mais sombreados, mais aptos a uma caminhada rápida e nele fatigante. Se, ao contrário, caminha com a cabeça no ar, arrisca-se a tropeçar em algum obstáculo e cair.

Está aí explicada a função da vontade da elevação mediante a força das próprias virtudes e da autoconsciência.

Na seleção final, porém, todas as culpas terão um alcance relativo à própria responsabilidade espiritual, no sentido de que se um ser comete um crime sob o influxo de outra vontade a sua culpa é menor. Como nas leis humanas assim também nas Divinas. Todavia, no jogo das aparências humanas, sucede frequentemente, que não se compreende o significado dessa relatividade da culpa e, muitas vezes, paga o justo pelo pecador como, inversamente, muitas vezes, as virtudes alheias servem para outros que se vangloriam delas sem mérito e se engrandecem com estas materialmente.

Nessa terrível luta de forças contrastantes e de paixões antagônicas, que são boas ou más, sucede, assim, procurar caracterizar a estrada da verdade a qual te conduzirá, através dos reinos cósmicos, ao estado perfeito para Deus, porque Ele te criou, Meu filho, somente para que voltasses a Ele, ao Seio daquela Luz que será o teu longínquo, mas seguro bem.

CONSCIÊNCIA COLETIVA

Imagina, Meu filho, uma grande família na qual os pais sejam obrigados a trabalhar para sustentar a numerosa descendência, deixando a esta o encargo de guardar a casa e mantê-la em ordem.

Se os filhos tiverem o sentido da devoção pelos seus pais estarão sempre propensos ao melhoramento do ambiente doméstico a fim de que esses, ao regressarem após o trabalho diuturno, possam encontrar a ordem e a harmonia em cada detalhe, em cada objeto, e verifiquem que efetivamente os seus filhos, amando-se com amor fraternal, criam as condições da paz e da prosperidade familiar. Eles, de fato, demonstram, assim, o afeto, o devotamento e o desejo de oferecer àqueles a quem tudo devem, havendo deles recebido o sublime dom da vida, o pouco que as suas frágeis forças podem dar. Além da alegria incomparável que espalham em torno de si, cultivam, nos seus espíritos, ideais e sentimentos superiores que se converterão em base moral de suas futuras famílias.

Como diversa seria tal situação se ela se invertesse! Que se tornaria aquela casa se, por egoísmo e por ciúme um filho se revoltasse contra a lei da harmonia doméstica e começasse por não haver a sua contribuição de trabalho e o deixasse recair sobre outros.

Disputas, ira, ofensas, represálias comprometeriam a paz, e, com a paz, o amor, chegando muito frequentemente a provocar o ódio entre os parentes.

E diante dos pais fatigados, acusando-se uns aos outros de preguiça e de maldade, dariam o triste espetáculo dessa sua miséria, e a dor do pai e da mãe seria acrescida da visão da casa em desordem, suja e mal cheirosa.

Que poderiam eles esperar, nas obras da vida, de semelhantes filhos? No modo de comportar-se destes refletem-se sentimentos que acusam ausência de retidão, ou seja, egoísmo subversor que, espalhando sementes não boas de ócio, de orgulho, de depressão e de dor desagregarão da paz familiar originária. De uma semente má não se pode esperar senão uma colheita pobre pela quantidade e qualidade enquanto uma semente boa dará um fruto previsto; do mesmo modo na intimidade da família é necessário lançar não a semente da desarmonia e da discórdia, mas somente a que poderá

produzir bons frutos. O que disse em relação à família é análogo também à Pátria e ao gênero humano. E uma rede imensa, que se estende sobre a superfície da Terra, e em cada malha representa o indivíduo, e o conjunto a coletividade: a união de todos os homens, dos quais habitam as soberbas metrópoles onde a civilização se manifesta em toda a sua complexidade aos perdidos em longínquas aldeias de regiões semi-bárbaras.

E toda a Humanidade, velha e jovem, rica e pobre, feliz e infeliz, mais ou menos civilizada, com suas grandezas e suas misérias, com suas alegrias e suas dores.

Mas, progredimos gradualmente. Vimos que a família é o núcleo mais simples e, ao mesmo tempo, mais sagrado, núcleo que mesmo o homem primitivo sente necessidade de criar e que desenvolve um sentido de unidade orgânica na consciência dos indivíduos gerando o amor e com ele o conhecimento no cumprimento dos encargos prefixados. Da mesma forma, em uma nação a grandeza e a prosperidade não podem derivar senão do cumprimento do dever, do trabalho individual, feito em tempo e lugar, o qual, somando-se à ação fecunda dos outros indivíduos, cria a unidade harmônica das obras, e, com ela, o bem estar coletivo.

Assim como no corpo humano cada órgão tem uma determinada função, de sorte que nenhum elemento pode subtrair-se ao seu trabalho sem determinar uma disfunção geral, da mesma maneira de cada indivíduo, em relação ao Estado e a sociedade, tem o dever de realizar a própria missão, porque uma falta sua poderia depois acarretar com o decorrer do tempo prejuízo aos demais.

Por isso que uma coletividade, uma Nação, para atingir um estado de potência necessita da cooperação de todos aqueles que a compõem, os quais, unidos e impelidos pelo seu amor patriótico visam a sua prosperidade com o mais alto sentimento moral, oferecendo-se, se a necessidade se apresenta, à defende-la mesmo com a vida.

Que sucederia a um país em que os indivíduos pensassem somente nos próprios interesses descuidados, em uma atitude de egoísmo, os de seus compatriotas? Que ocorreria a uma nação trabalhada por contínuas lutas de classe?

Assim como para que prospere uma família são necessários amor e compreensão em todos os seus componentes, assim também para a prosperidade da pátria é preciso que todos os cidadãos, do humilde ao soberbo, do rico ao pobre, do servente de pedreiro ao intelectual, cooperem, sob cada aspecto e através de cada forma de atividade, a fim de que esse bem estar se realize.

Imagina uma cadeia na qual cada anel represente o indivíduo e o conjunto a nação. Uma vez que os anéis estejam ligados entre si, podes estender a cadeia com toda a força: ela não se romperá.

Assim é o Estado cujos indivíduos componentes cooperam, todos, para a realização do mesmo ideal e para conseguir isso buscam ligar-se uns aos outros, de uma forma compacta para constituir aquela **vis unita** capaz de resistir à toda adversidade. Experimenta, porém, retirar um anel dessa cadeia e ela perderá a sua unidade ficando dividida em duas: com esse exemplo fica demonstrado como a falta de cooperação de um indivíduo pode gerar o desmembramento de coletividade.

Toma ainda um feixe de juncos e procura, com toda a tua força quebrá-lo: ele resistirá, e tu deverás renunciar a qualquer esforço posterior.

Experimenta, ao contrário, desatá-lo e a quebrar os juncos um a um; em breve terás verificado a razão da resistência inicial oposta pelo conjunto daqueles juncos.

Isso demonstra também que a união e, com ela, a concórdia, geram a força e assim a possibilidade de cada conquista real, enquanto a desunião e a discórdia criam a fraqueza e a falta de realização. A comparação poderá parecer trivial, mas nem por isso menos verdadeira: as imagens comparativas mais eficazes se encontram nos fatos mais simples, como as grandes leis nos fenômenos mais comuns. Para tirar uma conclusão das analogias adotadas, diremos que assim como um órgão que não corresponde à sua função traz como conseqüência a ruína dos outros órgãos, assim também o indivíduo parasita não pode viver senão com prejuízo para a sociedade e, por isso, também o Estado.

Estabelecido, o princípio fundamental graças ao qual o indivíduo não pode viver exclusivamente para si mesmo, mas deve também temperar o seu bem com o do seu semelhante, observemos o caminho que esse conceito percorreu na História da Humanidade desde as origens até aos nossos dias. Estudemo-lo através da coletividade, família, pátria, gênero humano, que resumem gradualmente as aplicações elementares e elevadas dele.

É instintivo na alma humana, além da forma de organização social e política, o amor pela família. É na união familiar que ele emite o seu primeiro vagido; ainda no seio da família que cresce e se prepara para a vida e a ela propenderá com desejo ainda mais forte quando, separado daquela em cujo âmbito nasceu, ficar sozinho no mundo.

É o desejo de um amor, de uma paz e de uma serenidade que o homem tenta em vão encontrar no vórtice da vida, o desejo de um íntimo afeto e de uma secreta felicidade doméstica, que, quando se acha desiludido de cada aventura e de cada vicissitude ilusória, o induz a criar uma nova família. É um impulso incessante que leva o indivíduo ao amor e à procriação, assim como o homem se dirige a mulher pelo desejo da reconstrução do binômio originário.

Ali, nesse ninho de afeto, dada a extrema fertilidade do campo, era lógico que em primeiro lugar se verificasse a grande lei. Como poderiam o pai e a mãe deixar de trabalhar em favor e para o bem estar dos seres aos quais fizeram a dádiva da vida?

É natural e humano que a mãe ame o filho, carne da sua carne, sangue do seu sangue, e que, se tornar necessário, chegue também a sacrificar-se, a lutar e a trabalhar incessantemente pelo bem dele mesmo quando o corpo e o espírito estejam fatigados e a vida comece o seu declínio. De igual índole e força é o amor paterno.

Mas se esses sentimentos são ingênitos nos pais, eles se afirmam igualmente na formação do indivíduo: desabrocham na criança que ama inconscientemente, florescem no menino que começa a concebê-los como um dever, desenvolvem-se no homem que se apercebe inteiramente dos sacrifícios e das lutas que por ele foram sustentados.

E, então, o amor, tornado consciente, realmente retribuído com ardor igual e um braço forte ampara a velhice vacilante. É a lei que se manifesta no pequeno e faz vibrar as suas cordas mais harmônicas e sonoras no íntimo dos corações humanos.

Depois da Família, no consórcio da vida moderna, vem o Estado.

Aqui, mais do que pelo amor, o princípio de solidariedade coletiva se manifesta mediante as leis.

São elas que, como emanção de um governo, regulam e disciplinam na nação a contribuição das várias forças de ação individual e social.

Baseados em semelhante ordem ético-político de relação entre povo e Estado, todos os indivíduos, objetivando o bem individual e coletivo, procuram ocupar ativamente o seu lugar e fazer com que o trabalho múltiplo, obtido na concórdia com a consciência individual, crie o bem estar da pátria. Desde os tempos de Atenas, Sparta, Roma, até a época atual, a história ensina que os povos mais civilizados e fortes são aqueles nos quais leis sábias fazem com que a obra e o bem estar do indivíduo não sejam fim para ele próprio, porém, meios de cooperação individual à obra e bem estar da coletividade. Este é, em substância, um grande passo dado pela Humanidade.

Mas o grande ciclo aqui se interrompe: ele se rompe justamente quando se deveria tornar imensa e sumamente grande. Homens fazei com que a cadeia espiritual criada pela vossa obra civilizadora hoje não chegue a despedaçar-se; não permiti que ela se divida por limites que vos criastes arbitrariamente e pelos quais a força universal da tradição do espírito não tem correspondência com os fatores geofísicos; fazei com que essa cadeia supere cada monte, atravesse cada mar, envolvendo a superfície de toda a esfera. Somente quando a Humanidade, dos polidos olhos em que se refletem as neves eternas as pupilas onde brilha o esplendor do sol equatorial, houver compreendido essa grande lei e o impelente desejo de fraternidade e de amor, então, e naquele minuto apenas, uma nova era se abrirá para o homem. Imaginai por um só instante a maravilhosa beleza de uma terra em que todos os seres vivam conforme um único ideal e cooperem todos para a obtenção dele.

Nela, a lei fatal se revelaria em toda a sua força e beleza e os três ciclos: família, pátria, gênero humano estariam só para significar as três etapas de uma luta combatida durante séculos, mas coroada por uma vitória tanto mais sublime quanto longa e penosa foi a sua obtenção. Então todos os povos da terra se reconhecerão irmãos e cada indivíduo sentirá o seu **eu** ligado por bilhões de fios invisíveis aos outros homens. Nunca vos indagastes que portentosas vitórias conquistariam a Humanidade por uma completa aplicação da lei unitária?

Da paz dos povos às conquistas da cultura e da ciência, do florescimento da indústria à prosperidade dos campos, das soberbas intensificações dos comércios ao incremento da arte e da técnica: os vossos trens correriam mais céleres, os mares e os oceanos seriam sulcados mais frequentemente, os aviões com o barulho de seus motores levariam sobre toda a Terra a grande nova. Então, para trazer maior bem estar àquela Humanidade que teria por fim encontrado o seu verdadeiro caminho, o Sol resplenderia mais fúlgido porque a consciência coletiva teria criado o amor universal, a natureza sorriria mais benigna ao homem, e Deus, escutando como vozes humanas o coro dos milhares e milhares de sinos dos novos templos erguidos em Sua glória, volveria o Seu olhar à Humanidade para apressar-lhe o Grande Dia.

Infelizmente, porém, a Humanidade está ainda distante de semelhantes acontecimentos; ela, hoje, é como uma imensa família entre cujos componentes reina o mais completo desacordo: oferece, por isso, o espetáculo de uma incompreensão coletiva, derivada, sobretudo de uma deficiente educação espiritual e da ausência de princípios super-materiais. O egoísmo, o orgulho, o cinismo, o materialismo, o conformismo moral são os males que a afligem.

O seu estado é semelhante ao de um indivíduo que embora sentindo diminuir as forças continua a levar uma existência irregular e viciosa sem pensar e querer refletir que persistindo em tal sistema de vida antecipa irremediavelmente a sua queda.

Experimental afastar-vos de todas as efêmeras manifestações exteriores e quando vos sentirdes sozinhos e a noite envolver a natureza, tentar indagar o que na realidade sois e qual a missão que vos foi confiada na Terra.

Percebereis então a irrealidade da vida mundana; conhecereis como ela atrai o corpo e os sentidos, mas, ao mesmo tempo, como é incapaz de elevar o espírito.

Procurai por isso ver tudo com olhar diferente porque a mais humilde coisa é digna de cada atenção vossa. Pisando um torrão de terra, pensai em um passado infinito, e aguçando o ouvido escutareis a voz do vento, que tem a missão de amalgamar tudo, sussurrar-vos: "talvez naquele torrão esteja encerrado um grão de pó que um dia pertenceu ao vosso corpo hoje desagregado". Por essa eterna verdade da grande Lei deveis forjar-vos uma especial consciência de pensamento, e dizer-vos: eu caminho sobre tudo: no passado, sobre o qual assinalo o tempo do presente, preparando o futuro sobre o pó de milhares e milhares de vidas destruídas e ressuscitadas.

Pensai, Meus filhos, que somente o amor, a compreensão, a unidade, a retidão das ações podem realmente elevar-vos, as únicas com as quais é possível adquirir méritos na presença de Deus. Que valem o orgulho, o egoísmo, a supremacia se, mesmo vivendo sois, pois levado pelo vento, que, cedo ou tarde, cairá para amalgamar-se com outro pó no refluxo de todas as escórias do plano material? Ter princípios ativos e operosos, dominar dominando-se, agir para o bem de todos, aplacar os sofrimentos, enxugar as lágrimas inculcando a alegria da vida mesmo na dor da luta. Se de ação, toda uma ação de harmonia, e não parasita aderente à Humanidade como peso morto, ou, o que é pior, como micróbio nocivo e infeccioso para contaminá-la. Purificai-vos conscientemente, constantemente, semeando amor. Amando a Deus, amareis o Todo do qual também sois uma parte.

A VIDA E A MORTE

Até agora não falei de ti, Meu filho, senão sob o aspecto de energia e de matéria; mas haver tratado o Ser Supremo e Infinito e o átomo energético que Dele partiu para purificar-se através do espírito, das vidas, das virtudes e dos defeitos, não é suficiente aos fins deste livro.

Há Leis que, reguladas pelo Centro de Vida Infinito, reinam sobre ti como manifestações da sabedoria e da força e delimitam a parábola do ciclo que deverá inevitavelmente realizar-se. Elas se resumem nas palavras: vida e morte.

Quantos homens, observando o mundo vegetal ou o animal, onde a energia vital palpita sob mil formas, terão se interrogado: "vida, que força misteriosa és tu?". E não encontrando no exame atento da própria razão indagadora o raio da luz reveladora dos princípios supremos lançarão o olhar em derredor, como para colher intuitivamente a íntima razão das múltiplas manifestações que a vida apresenta. Os diversos aspectos que a natureza sabe assumir, porém, não podem ser senão motivo de maior dúvida e obstáculo para a percepção da realidade insondável; o homem, então, deverá desistir do seu intento compenetrando-se da profundidade do incógnito, não encontrando outra resposta à tormentosa pergunta senão o majestoso silêncio do Infinito.

Quantas vezes, tentando ainda apreender a realidade que lhe escapava, terá observado, através do microscópio, o prodígio celular, fixando a atenção do seu olhar indagador sobre o protoplasma e sobre o núcleo; quantas vezes terá estudado o álbum e o cerne no corte de um tronco; ou, com um calafrio nos membros e a acelerada batida do coração, terá sobre as mesas anatômicas, seccionando os cadáveres.

Nada: se esses meios lhe permitiam reconhecer o mecanismo da vida vegetal ou animal não lhe davam a possibilidade de penetrar o mistério da existência e de intuir claramente a realidade daquele **quid** que torna a matéria inerte forma vivente.

O homem existe, mas não conhece o porquê do seu ser; vive e ignora as grandes forças que fazem dele um dos organismos mais perfeitos.

Apesar do grau de evolução alcançado pela Humanidade, a vida permanece ainda hoje o enigma insolúvel. Tu te encontras estático em frente ao prodígio do nascimento e estarecido diante do terror da morte, lembrando as inúmeras gerações que conheceram a vida e a morte, a incalculável alegria que faz estremecer o coração pelo nascimento de um filho há muito esperado, e o soluço que cerra a garganta pela morte de uma pessoa querida.

Tudo tem vida: vive o homem adulto e a tenra criancinha, o manso animal e a besta feroz, a planta secular e a flexível vergôntea.

É o invisível fluxo que permeia o Criado, a destruição é reconstrução contínua de células orgânicas, a incessante troca de substâncias vitais, a permeação, a reação e a precipitação de forças diversas, através de um vorticoso ritmo de continuidade sem solução.

A energia vital se manifesta no homem do recém-nascido ao velho, dos primeiros instantes em que ele descerra os olhos à luz do mundo aqueles últimos nos quais os encerra no sonho eterno. Tu vives na alegria como na dor, no sorriso como no pranto, no ódio como no amor, no trabalho intelectual como no manual, manifestando a tua força criadora sob múltiplas e variadas formas.

Vida e morte: um nascimento que é morte para outro ignoto mundo, e uma morte que é nascimento em outra vida: dois milagres que, como limites aparentes, contêm o trabalho de um incessante movimento, condição primeira de vida porque ele é luta e elevação.

É justamente no meio desse fatigante e difícil caminho que tu, materialista ou espiritualista, assaltado por ter tido altos problemas, te interrogas: "por que se nasce? Qual é o objetivo desta vida?"

"Talvez porque a morte, de emboscada, espreita cada ato nosso para de repente tornar vãos os ideais, os afetos, as esperanças pelos quais vivemos, sofremos, gozamos, amamos, odiamos, em meio à dificuldades que, às vezes nos tornam a existência intolerável?

É esse o ideal de Deus. É esse o Seu infinito Amor?"

Para poder responder a essas perguntas, é necessário, antes de tudo, considerar a Humanidade sob o aspecto da atribuição de um valor metafísico ou simplesmente físico a vida. Para isto é preciso distinguir, de uma parte, aqueles que acreditam que ela se inicia com o nascimento e termina com a morte, e, da outra parte, aqueles que no viver humano percebem alguma coisa que vai além da limitação da vida, e que por isso a consideram uma fase de provas a superar para o posterior aperfeiçoamento do espírito.

São duas correntes representadas respectivamente pelos materialistas e pelos espiritualistas: para os primeiros, não pode existir uma razão capaz de resolver as dúvidas em relação à possibilidade de uma vida do espírito por quanto a limitada visão do homem e da sua missão no mundo o impede de modo mais absoluto. A vida considerada como fim de si mesma não pode oferecer uma razão suficiente para dispersar as névoas que ofuscam suas mentes, angustiadas pela aparente "injustiça" de Deus e pela sombra da morte.

Para os últimos, ao contrário, a resposta é natural e evidente quando consideram que a vida, julgada como cárcere do espírito para o seu aperfeiçoamento, deixa claramente entrever um Amor Superior, fazendo com que o homem suporte com resignação e com alegria todas as adversidades que se lhe antepõem, por que ele não vê nelas senão obstáculos a superar e provar através das quais pode afirmar cada vez mais a força superiora da sua alma.

Certamente reconhecendo em Deus o sumo Benfeitor das Suas criaturas, a vida poderia logicamente ter razão para todos aqueles míseros mortais que querendo permanecer tenazmente presos ao materialismo como minhocas à terra, acabam por aniquilar o próprio espírito e por embrutecer-se.

Seria horrível a morte se à sua chegada tudo o que, um dia, formou um ser devesse desagregar-se sem deixar traço de si. Por mais que os materialistas decantem a solidez de sua moral, a verdade é que ela não dispõe absolutamente a alma ao sacrifício, ao ímpeto heróico, à tendência para um mundo supremo.

Poder-se-ia por ventura lutar e sofrer tendo como única miragem levar o mérito ou a culpa das próprias ações no gélido idílio de um silêncio sepulcral?

Indubitavelmente o corpo se tornará cinza, como cinza era, e ao volatilizar-se das suas partes individuais se dissipará no infinito do Criado não deixando o sinal de tudo o que uma vez formou um homem de maravilhosas atividades.

E então é natural que todos aqueles que ignoram a vida eterna, e especialmente os materialistas, que acreditam que ela se resume apenas neste mundo terreno entre os dois limites, nascimento e morte, pensem com medo e arrepio nesta última e no instante em que esta deverá chegar. O grande princípio "lembra-te de que és pó e ao pó voltarás" ressoa dolorosamente tétrico aos seus ouvidos: não é a voz exortadora ao bem e à elevação, mas a ameaça de um anulamento sem atenuação, o incubo dos seus desenfreados e quotidianos gozos. E, por isso, eles não procuram senão alegrias e prazeres terrenos insaciavelmente segundo o princípio edonístico: **"edomus et bibamus: post mortem nulla voluptas"**, gozemos este dia porque a vida é feita de prazeres e depois da morte tudo está acabado.

No corpo que pulsa ao vibrar da consciência, que se destrói e reedifica cada momento, nas horas de vida que se medem através dos sentimentos, esta é a única realidade que lhes é dada conhecer, assim como na falaz volúpia de um mundo transitório, fictício, não os conforta o hipotético amanhã além do desejo hoje insatisfeito.

Por isso não há senão a saudade do instante que foge inelutavelmente: cada minuto transcorrido é um passo que a inexorável Parca dá contra eles, pronto a agarrá-los quando soe o instante fatal, para lançá-los no abismo insondável do nada, arrebatando-os ao gozo e ao prazer.

Fatigados da matéria, que o contínuo transcorrer do tempo torna pesada, impelidos pela enxurrada de um cego futuro, na espasmódica ânsia de viver a existência, embora por uma hora, nas suas expressões de alegria, de volúpia e de outras sensações, ficam agarrados por uma trágica preocupação. Preocupação de que, se àquela hora de vida não for gozada, ela ficará perdida para sempre. Não poderá mais ser recuperada por aqueles que da matéria fizeram um karma, por que ao passado não se pode voltar nem com o espírito nem com o corpo. Somente o pensamento tem a virtude, mediante a recordação, de reviver no tempo transcorrido; mas esse aflorar de sensações às vezes é mais doloroso pela saudade daquilo que se deixou ou perdeu.

Eles não pensam que uma pena mágica, regulada por um mecanismo infalível e sensibíllissimo, desenha sobre precioso pergaminho que se chama alma a grande sinuosidade, com base na qual, mais cedo ou mais tarde terá de obedecer também as leis fatais da evolução. Por isso, mais do que todos os outros, eles desprezam aquelas aparências que, tendo caráter de imperfeição e às vezes mesmo de inconsistência, ocultam grande realidade. Não que semelhantes aparências, que possam oscilar entre uma vida exterior mal apropriada e a representação de um hipotético e enganador inferno, não constituam sérios motivos de objeção e de reação dialética a substancialidade de doutrinas superiores; mas nem se baseando nelas se podem combater as verdades do espírito e contrapor-lhes a opaca força da materialidade.

As imperfeições e as inconsistências devem ser gradualmente discutidas e eliminadas com um único objetivo e propósito: fazer brilhar, por aquilo que as faculdades do homem poderão perceber e assimilar, o sentido da grandeza de Deus e, com ela, a realidade do karma humano, fazendo com que aqueles raios dispersos e refletidos sobre toda Humanidade formem das almas individuais uma massa compacta e harmônica que se dirija para o alto, no amor d'Aquele que as quer.

A nova época que se abre é uma Era para o triunfo do espírito solar e o mundo da matéria; os materialistas deverão num certo momento sentir intimamente a inutilidade de sua doutrina, a qual será destinada a cair do mesmo modo que aquela carne que eles elevaram a mito. O materialismo se apresentará a eles mesmos na sua insuficiência e na sua irrealidade, e, enfim, se darão conta que o próprio fato de dar forma de doutrina à concepção materialista era torná-la conseqüente de uma atividade do espírito, embora em reduzida medida. A consistência desses sistemas pseudo-filosóficos, segundo os quais tudo é matéria e não há nas coisas nada além de um princípio material, pode ser comparada à falsa sensação que experimenta aquele que se ilude com o estar imóvel e não se apercebe de mover-se e de ser movido pela potência do infinito que o circunda.

De outra natureza bem diferente e bem diversamente dotados são os que consideram a vida sobre a Terra como uma simples passagem por uma estrada hirta de renúncias e de dores, e precisamente como um exílio da verdadeira vida.

Esses são os espiritualistas, que aguardam e afrontam a morte com o espírito sereno e o sorriso nos lábios.

O dia da morte é um dia solene para a alma porque ela se livra da matéria que por vários anos a manteve prisioneira dando-lhe o sofrimento contínuo com as atrações de vários prazeres.

É o antídoto que, despojando a morte de sua esquálida veste sepulcral, a faz assumir a beleza de um milagre que, querido pelo amor de Deus, permite à centelha energética abandonar a escuridão do seu cárcere e elevar-se a conhecer a luz da Verdade, de acordo com os seus méritos. Então o homem reconhece na morte um prodígio divino superior ao próprio nascimento: junto à cabeceira do moribundo não há mais somente o pranto angustioso, que poderia ser chamado egoístico se não fosse devido a um sentimento congênito no próprio homem, mas, superando a dor, se alegra o pensamento na certeza de uma alma libertada por uma morte que é ascensão.

Quanto mais virtuoso for aquele que deixa a vida terrena tanto mais lamentada será a sua perda; mas simultânea com a tristeza que reina será a apoteose da sua alma, invisível aos olhos mortais.

Na face que jaz fria e no olhar apagado não deves procurar, Meu filho, a saudade de um bem perdido porque eles te escondem um mundo desconhecido; se aqueles lábios são mudos, o seu silêncio nele é o do anulamento mas uma arcana e melodiosa linguagem que se pudesses ouvir e soubesses compreender te diria:

"a morte em substância nada destruiu; desses pálidos lábios partiu um sopro, foi arrebatado para o alto, a fim de regozijar-se no amplexo de Deus".

Esses olhos, sobre os quais desceu o véu das pálpebras ocultando as pupilas amadas, testemunham que foram abandonados pela centelha porque impediam de poder contemplar a luz Divina.

Diante de qualquer fenômeno, embora tremendo, inerente ao destino da Humanidade, tu não tens direito nem autoridade para julgar e condenar se ignorar a razão profunda pela qual ele se verificou e a realidade superior das suas origens.

A vida compreendida como prisão da alma e não só a real concepção que se impõe diante do mistério da morte, mas deve ser motivo de força para suportar com resignação e quase com alegria as adversidades que se apresenta no destino terreno e para enfrentar serenamente as inúmeras penas de que o homem é culpado.

No trabalho da luta diuturna, que melhor conforto pode existir do que erguer os olhos para o Céu infinito e perscrutar com o pensamento aquela esfera para onde a tua alma irá depois da morte?

Podes, entretanto, indagar-me: "mas era mesmo necessário que fôssemos condenados a sofrer e que a nossa alma, por causa de leis kármicas devesse ficar presa no cárcere da matéria?"

Nada é necessário, tudo é necessário, assim como os fenômenos da natureza, o nascimento dos homens, o amor, o sono, a luta, a arte: nenhuma forma da vida é puramente necessária. Contudo, reportando-se à força de causas que se encontram no plano kármico onde reina uma lei de necessidade espiritual é justo e inevitável que a ela corresponda uma lei de necessidade material que cada um sente intimamente em si e segundo a qual cada um sabe instintivamente dever-se conformar.

Certamente não constituía uma necessidade para Deus Pai a elevação da tua psiche através de provas das diversas encarnações.

É preciso, porém, dar-se conta que justamente o que se manifesta como Sua vontade se torna necessidade espiritual para ti, ou seja, motivo profundo de vida. Além de tua concepção de necessidade, dada a limitação das tuas possibilidades de indagação metafísica, a ti não é dado compreender.

Sabe, porém, que a vida é chama que se acende e se consome ao mesmo tempo, deixando a cinza da matéria. Do que disse até aqui, aparece já como evidente que ela é um sacrifício, graças ao qual o espírito consegue a sua elevação e que por isso das obras mortais depende a vida futura. Há pessoas que, acabada a sua peregrinação na Terra, alcançaram um grau de pureza espiritual superior; outras iguais ou inferiores ao do instante do nascimento no qual a própria centelha energética esqueceu no ventre materno para formar uma nova vida.

Após a morte, a chama que se acende para não se apagar mais é o espírito, que tido deixa resíduos. Então compreende uma vez por todas — a que deve tender cada restrição, cada renúncia, cada superamento heróico, se não para alimentar aquela chama que sobrevive além da vida e da morte?

Deves apenas compreender que se no infinito do tempo e do espaço a vida fosse breve como a tua permanência terrena, ela não teria razão de existir nem de ser vivida, nem teria qualquer sentido a própria existência humana.

A vida pode ter diversas alternativas, vicissitudes mais ou menos vastas variando de indivíduo para indivíduo, enquanto o nascimento e a morte são regulados sempre por leis precisas, inderrogáveis, a que ninguém pode escapar, no presente como no futuro. Não existe uma fenomenologia diversa para nenhuma das duas leis: o que nasce nascerá da mesma forma que os outros; o que morre terá uma agonia mais ou menos longa mais ou menos consciente, mas a transição de um mundo para o outro no instante em que o corpo perder a sua vitalidade, deixando o espírito, será a mesma.

Os próprios materialistas, contestando a teoria espiritualista, não fazem senão a confirmar, quando asseveram: "nada se cria, nada se destrói, mas tudo se transforma porque o conceito **nada** não existe".

Pois bem se se pensa na destruição, se se tem a sensação de um fim absoluto, não se pode deixar de reconhecer que afeto daquele hipotético nada nele há senão a luz da infinita sabedoria de Deus e das Suas Leis.

Há, pois um caminho intermediário entre o prodígio da vida e o da morte: um estágio que não se pode dizer **vida** porque se o coração bate e o sangue circula, os teus membros ficam relaxados em uma sonolência profunda, enquanto tu não tens conhecimento de tudo o que ocorre em redor e nem se pode dizer morte porque além dos dois indícios de vida física acima mencionados existe a realidade de uma alma, que se, todavia, não está completamente prisioneira do corpo como quando este se manifesta na realização das obras diurnas, não tem também totalmente abandonado. Tal estado, compreendido entre a vida e a morte, por uma temporária

separação do corpo e do espírito, e representado pelo teu **sono**, no qual o homem desce aos graus do místico Morfeu das grandes azas, retemperando no renovado abraço as energias despendidas.

Nunca te indagaste à noite quando vai dormir anseias pela doçura de um sono plácido e restaurador, por que naquele estado, que tanto se assemelha à morte, o teu espírito, tomando domínio sobre a matéria, se eleva a grandes alturas?

De fato, no sono as distâncias nada significam porque o pensamento as ultrapassa e os impulsos mais impensados são vividos pelo espírito através do sono, a enigmática realidade onírica, que nem uma vez somente é dado a cada homem poder discernir.

Sonho, fenômeno premonitor, simbologia divinatória para os que amam ver em cada fato a fortuna pronto para estender-lhe os braços, sensação ilusória e insignificante para o materialista, vida da alma para o materialista, vida da alma para o espiritualista, revelação de um sofrimento orgânico ainda oculto para o médico. Tríada de fabulosas deidades: de Morfeu, o pré anunciador da verdade, ao medonho Fobetaro, e depois deste, o Fantásio das mil e loucas ilusões.

Nada disso: o sonho é o resultado do domínio que a psiche assume sobre o corpo quando este jaz imerso no sono; então a alma humana é livre de vagar, embora não abandonando completamente a matéria que a reveste.

Dar-te-ei a idéia desse fenômeno através de uma simplificação figurada a fim de que ela seja desse modo, mais facilmente compreensível à maioria dos homens.

Imagina que a psiche esteja ligada ao seu cárcere material por um fio hipotético, e por isso mesmo invisível, o qual consente à centelha energética, em condições oportunas e casos bem determinados, vagar pelo espaço acima da matéria. Mas, ao mesmo tempo, a impede de poder abandoná-la definitivamente, da mesma maneira que numa comparação banal, mas eficaz, o fio de algodão seguro numa extremidade pela unha da criança impede ao balãozinho multicolor de hidrogênio elevar-se a seu bel prazer no ar, embora podendo vagar livremente pelo espaço que o comprimento do fio lhe permita.

Quando tu dormes, portanto, enquanto o teu corpo jaz imóvel no leito, a tua centelha energética vagueia livremente mais ou menos no alto ao Longo da escala dos valores espirituais, que no momento possui, podendo descer às vezes às camadas subpessoais do mundo inconsciente. O resultado desse vaguear inconsciente o sonho; a beleza da visão involuntária é o termômetro da tua consciência, que às vezes nas suas vibrações noturnas pode também alçar-se à esfera onde o espírito irá após a partida definitiva do corpo. Disso dependem os mil aspectos e as tantas extravagâncias do sonho que tem sido objeto de múltiplos escudos por parte da psicologia e da psicanálise dando margem à várias teorias e tendências disparatadas.

Esse, em síntese, como só pode comportar o desenvolvimento da presente exposição, é o mistério do sono do sonho, que representam duas magníficas realidades meta-empíricas e, para os que sabem discernir os mistérios do infinito, duas sublimes auroras da realidade infinita e irrefutável da metempsicose.

Volve, um pouco, Meu filho, o olhar aos anos passados e recordando os dias e as horas ao longo dos quais se desenvolveu a tua existência e que foram por ti vividos quase inconscientemente te parecerá um sonho a soma das manifestações que a tua alma experimentou da qual ela não conserva senão a lembrança como de uma série de cenas de um drama vivido em alucinação onírica.

Falei-te da realidade da vida através do nascimento, da morte e do sono: existem, contudo normas superiores que os governam e regulam essa matéria continuamente replasmada e transformada.

De resto, quem quer que seja tu que lêes, se acreditas e amas a infinita Realidade, como podes admitir que o Deus do Amor haja criado apenas o pranto e o sofrimento?

As dores são suscitadas pela errada interpretação humana, que crê mais na própria razão do que na bondade Divina. Tudo, ao contrário, reconduz a grande visão evolutiva que exige, através de mil transformações, a perfeição do ser.

Isso diz respeito à missão de todo um ciclo, que tem um seu ponto de partida e um de chegada. Eis os argumentos com os quais Eu pretendo te ocupar de vez que, já encaminhado pela exposição desses primeiros dados, podes aproximar-te da compreensão do ciclo Universal.

A PARÁBOLA DA ASCENSÃO

Tratei do espírito, do homem, da luz eterna, da personalidade, dos sentidos, da mediunidade, do amor, das estradas e dos guias, da consciência coletiva, da vida e da morte.

Esses temas, porém, não devem ser considerados separados um do outro: um fio condutor os une invisivelmente entre si, simbolizando o grande caminho do **ESPÍRITO** na luta de purificação e elevação, em direção à luz do **SUMO BEM** que ele intui, mas a obtenção da qual se antepõem inúmeros obstáculos, devido às condições da matéria que limita a visão e contrastam com o livre jogo das energias psíquicas.

Há de fato um contraste constante entre o mundo da matéria e o mundo do espírito, tanto mais grave porque ambos são ligados na unidade do ser psicofísico humano; mas é precisamente tal contraste que leva à centelha energética, sopro de vida Divina, a buscar, além da carne que dá a "forma" ao homem, o clarão da **LUZ ETERNA**, segundo cujos princípios a alma humana pode olhar, confiante, o futuro. Dessa maneira, ela emerge pouco a pouco do plano das baixas paixões e das vaidades para seguir um caminho de ascensão, não mais de satisfações efêmeras e de ações ligados ao mundo sensual; ao vir a ser e à inelutável formação de um destino correspondente, mas de uma perfeição espiritual ao longo da qual as vibrações da psiche, mortal e divina, se "ritmizam" na respiração do Criado. Então, o palpitar da alma simboliza a sua potência e também o desejo do que se pode indubitavelmente definir para essa centelha como a máxima aspiração, o portentoso prêmio de todos os sofrimentos suportados na luta catártica: repousar, antes ou depois, no seio da Luz de Deus.

No impulso, porém, para atingir tais ideais o homem deve procurar libertar-se de seus vícios e das paixões que deformam a sua personalidade e cultivar a nobreza dos sentimentos na aspiração irresistível para o Alto, controlando as suas ações com a intransigência de um rigor categórico, de uma rígida inflexibilidade

para com o próprio mundo emotivo, sensual e demasiado humano, a fim de sacudir o jugo atávico da individualidade corpórea. Surgirão então as adversidades dos obstáculos a vencer, as renúncias dolorosas, a imposição da vontade ao seu próprio **eu**, as ações, o fruto daquele pensamento que, para abraçar a estrada da retidão e do bem, deve talvez desconhecer desejos ou perder proveitos.

Mas através dessa disputa entre sentimento e razão, interesse e dever, se forja, como a estátua sob o escalpelo do escultor, a **PERSONALIDADE** do indivíduo. Ela se cria pouco a pouco através dos **SENTIDOS** espirituais, cuja preponderância individual caracteriza o homem. Então ao desenvolvimento e ao predomínio desses centros que dão a profundidade do pensamento e a retidão dos intentos, sob o estímulo constante da vontade, o indivíduo, tornando resistente às seduções da matéria, saberá superá-los num desejo crescente de delinear cada vez mais as próprias características.

Entre esses sentidos existe a **MEDIUNIDADE**, que põe em comunicação o homem com a pura essência, ligando-o através da ultrafania com o plano dos princípios e conceitos superiores. Nessa simples voz interior de reconheceres a vibração de Essências Eleitas que te trarão um canto de concórdia e de amor, um eco longínquo daquele Hino Divino que, difundindo-se, atrairá, irradiando uma mística força de energias ocultas.

E então a forjada personalidade humana e o poder da mediunidade constituirão para o homem as condições para alcançar o verdadeiro **AMOR**, que nobilita e irmana, que vibra no íntimo humano, levando à união e, com ela, a perfeição da obra que é a verdadeira felicidade.

Nela se trata, nessa fase, de sentimentos contingentes e individuais ou do simples afeto, como poderia fazer supor o sentido estritamente literal da palavra; mas, contemplando dois seres que são impelidos um para o outro pelo vórtice da atração para a reconstrução simbólica de uma natureza andrógina, se trata de um amor que contém um sentimento mais vasto, força coesiva que tende a abraçar a Humanidade inteira, uma coletividade universal em comunhão de ideais, de propósitos e de vontades.

Amor... Será esta a voz, mas ela se estenderá à multiplicidade através das **ESTRADAS** e dos **GUIAS**, isto é, com as sucessivas vidas e estados meditativos. Nem todos, porém, saberão dar valor igualmente a essa flor, e ler nas contidas alas um convite à pureza ou nas vermelhas um estímulo à fé. Haverá quem as saiba cultivar, e quem, ao contrário, as deixará murchar.

Isso não diminuirá a sua força, a qual através do tempo deverá permear e submeter a todos, colocando o trabalho individual a serviço da **CONSCIÊNCIA COLETIVA** que, absorvendo na totalidade o eu individual, realiza como supremo intento e bem o **eu universal**.

Ao longo das fases da evolução que não consente pausas, mas se estende no tempo e no espaço infinitos, o homem alcançará o ideal que lhe foi confiado na grandeza e serenidade de um trabalho coletivo, através dos anéis daquela cadeia cíclica que se alterna no ritmo **VIDA** e da **MORTE**.

Tal é o caminho que segue o destino da Humanidade, sintetizando-se nesta lei: o **ESPÍRITO**, através do **HOMEM**, busca a **LUZ ETERNA**, forjando a própria **PERSONALIDADE** mediante os **SENTIDOS** e, em virtude da **MEDIUNIDADE**, alcançará o **AMOR** ao longo das **ESTRADAS** e com o estímulo dos **GUIAS**, criando-se a **CONSCIÊNCIA COLETIVA** através da **VIDA** e da **MORTE**.

**ESTA OBRA É PUBLICADA COM A APROVAÇÃO DA
FRATERNIDADE BRANCA UNIVERSAL DO ARCANJO
MICKAEL**

**QUALQUER REFERÊNCIA OU TRANSCRIÇÃO DA
MESMA DEVERÁ
INDICAR A FONTE DE ORIGEM**